

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

DESAFIOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL JORNALÍSTICA

Bolsista: Daiane Nogueira Batista, Fapeam

PARINTINS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB – SA – 003/00030 – 2014

DESAFIOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL JORNALÍSTICA

Bolsista: Daiane Nogueira Batista, Fapeam

Orientadora: Prof^a Dr^a. Hellen Cristina Picanço Simas

PARINTINS

2015

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam, através do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas. O projeto está vinculado ao Núcleo de Estudo de Linguagens da Amazônia - Nel-Amazônia.

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes.

Clóvis Rossi

RESUMO

Este trabalho intitulado **Desafios da produção jornalística** propõe uma análise de gêneros jornalísticos produzidos por alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFAM-Parintins -Amazonas, a fim de observar se fazem uso em suas produções escritas da linguagem jornalística conforme orientam os manuais e literaturas da área de jornalismo, bem como analisar os aspectos composicionais e textuais dos gêneros em estudo, objetivando entender se as produções dos discentes se adequam às exigências do mercado de trabalho e aos novos padrões de comunicação. O respaldo teórico utilizado nesse estudo divide-se em dois grupos: um trata das propostas atuais de ensino de línguas, em que o gênero textual é apontado como ferramenta semiótica e metodológica para o ensino-aprendizagem de línguas e em que se compreende o funcionamento da linguagem por meio de um gênero do discurso oral ou escrito, os quais estão presentes no cotidiano e orientam as atividades comunicativas. Os autores representativos dessa corrente de estudo são Mikhail Bakhtin (1979), Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz (2004), Luiz Marcuschi (2004) e Magda Soares (2005). O outro grupo de teóricos discute e define os conceitos-chave necessários à compreensão da linguagem jornalística, a saber: Erbolato (2008), Lage (2006), Nascimento (2009), Amaral (2008), Pena (2012), Traquina (2005). O *corpus* de estudo é formado por quatro três de gêneros textuais jornalísticos, a saber: a notícia, a entrevista e o editorial, retirados dos sites www.jornalstando.com.br e www.icsezdigital.com.br, blogs criados por alunos e professores de Jornalismo da Ufam, campus Parintins com objetivo de divulgar os textos jornalísticos produzidos por eles. Utiliza-se o método lógico indutivo e faz-se uma abordagem qualitativa dos dados para tentar responder a seguinte problemática: os alunos do último período de Comunicação Social/Jornalismo de UFAM-Parintins ao escreverem textos jornalísticos fazem uso satisfatório da linguagem jornalística? Os resultados apontam que durante a elaboração dos textos, muitas vezes, esquecem-se de empregar adequadamente os elementos de textualização que compõem os textos jornalísticos, os quais são relevantes para manter o equilíbrio, coesão e coerência das produções textuais. Em algumas notícias, o nível de informatividade é baixo, havendo uma repetição de informação, gerando redundância, fazendo com que o gênero jornalístico não cumpra seu papel principal: informar o leitor. Verificou-se também que os alunos ainda têm dificuldades em desenvolver gêneros jornalísticos, utilizando as regras da linguagem jornalística. A linguagem jornalística é formada por normas impostas pelos manuais de que orientam como escrever o texto jornalístico. Essas regras devem ser obedecidas na construção das notícias, reportagens, editoriais, entrevistas etc. O autor Amaral (2008) alerta que as regras de redação dependem de cada texto, pois todos têm sua maneira de escrever. A única característica notável entre eles são a criatividade, competência e talento. Para Nascimento (2009), o discurso jornalístico tem sua própria identidade, trabalha com os fatos do cotidiano, por isso deve-se atender a todas as exigências do texto jornalístico que são: a universalidade, a atualidade, o caráter factual e a verossimilhança. Alguns alunos conseguem produzir o gênero conforme a estrutura composicional adequada para o gênero jornalístico editorial, por exemplo, mas ainda necessitam torná-lo coerente, objetivo e claro, além de existir a necessidade de organizarem as ideias desenvolvidas no texto de forma lógica. Alguns alunos utilizam em demasia a tipologia narrativa em detrimento da argumentativa, não conseguindo, por isso, imprimir um ponto de vista sobre o assunto discutido, a fim de formar opinião do público-alvo. Aspecto de suma importância num artigo de opinião, sem o qual ele pode perder sua caracterização. Por fim, ressalta-se que os gêneros analisados também apresentaram desvios ortográficos e, em alguns momentos, não fizeram emprego adequado da pontuação, além de faltar concordância verbal e nominal em certos trechos. Diante desses resultados, surgem questões que fomentam as discussões acadêmicas e pedagógicas para se pensar em como melhorar o ensino de gêneros jornalísticos e da língua portuguesa dentro do âmbito do curso de graduação de jornalismo do ICSEZ/Ufam. É necessária a construção de propostas curriculares que amenizem essas dificuldades de produção textual jornalística para que os acadêmicos realmente ao final da graduação estejam preparados para atuarem no mercado de trabalho por

estarem de posse das novas das técnicas de produção textual e das formas de utilização criativa, objetiva e crítica da linguagem.

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos, linguagem jornalística, editorial, notícia.

RESUMEM

Este proyecto intitulado **Desafíos de la producción periodística** propone una análisis de los géneros periodísticos producidos por alumnos del curso de Comunicación Social/Periodismo de la Universidade Federal Do Amazonas UFAM-en Parintins -Amazonas, a fin de observar se hacen uso en sus producciones escritas del lenguaje periodística basado en los manuales y literaturas de la área del periodismo, así como analizar los aspectos composicionales y textuales de los géneros en estudio, objetivando comprender las producciones de los discentes se adecuan a las exigencias del mercado de trabajo y a los nuevos padrones de comunicación. El respaldo teórico utilizado en ese estudio se divide en dos grupos: uno trata de las propuestas actuales del ensino de las lenguas, en que el género textual es apuntado como herramienta semiótica y metodológica para la enseñanza-aprendizaje de lenguas y en que se comprende el funcionamiento del lenguaje por medio de un género del discurso oral o escrito, los cuales están presentes en el cotidiano y orientan las actividades comunicativas. Los autores representativos de esa corriente de estudio son Mikhail Bakhtin (1979), Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz (2004), Luiz Marcuschi (2004) y Magda Soares (2005). El otro grupo de teóricos discute y define los conceptos llave necesarios a la comprensión del lenguaje periodística, a saber: Erbolato (2008), Lage (2006), Nascimento (2009), Amaral (2008), Pena (2012), Traquina (2005). El *corpus* del estudio es formado por cuatro tipos de géneros textuales periodísticos, a saber: la noticia, la entrevista, el reportaje y el editorial, retirados de los sitios webs www.jornalizando.com.br y www.icsezdigital.com.br, blogs creados por alumnos y profesores de Periodismo de la Ufam, Campus Parintins con el objetivo de divulgar los textos periodísticos producidos por ellos. Se utiliza el método lógico inductivo y hace una abordaje cualitativa de los datos para intentar a contestar a la siguiente problemática: ¿estudiantes del último período de Comunicación Social / Periodismo UFAM-Parintins a escribir artículos de prensa hacen buen uso del lenguaje periodístico? El artículo es oriundo de una pesquisa de iniciación científica en andamiento, apoyada por la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). El resultado parcial apunta que existen dificultades de los alumnos en relación al uso adecuado del lenguaje periodístico, así como de la norma culta de la lengua portuguesa y de la composición del género periodístico en su aspecto composicional. Se Observó que durante la elaboración de los textos, muchas veces, se olvidan de emplear adecuadamente los elementos que componen los textos periodísticos, los cuales son relevantes para mantener el equilibrio, cohesión y coherencia de las producciones textuales. En algunas noticias, el nivel de información es bajo, habiendo una repetición de información, generando redundancia, haciendo con que el género periodístico no cumpla su papel principal: informar al lector. Se verificó también que los alumnos aun tienen dificultades en desarrollar géneros periodísticos, utilizando las reglas del lenguaje periodística. El lenguaje periodístico es formado por normas impuestas por los manuales que orientan como escribir el texto periodístico. Esas reglas deben ser obedecidas en la construcción de las noticias, reportajes, editoriales, entrevistas etc. El autor Amaral (2008) alerta que las reglas de redacción dependen de cada texto, pues todos tienen su manera de escribir. La única característica notable entre ellos son la creatividad, competencia y el talento. Para Nascimento (2009), el discurso periodístico tiene su propia identidad, trabaja con los hechos del cotidiano, por eso se debe atender a todas las exigencias del texto periodístico que son: la universalidad, la actualidad, el carácter factual y la verosimilitud. Algunos alumnos consiguen producir el género conforme la estructura composicional adecuada para el género periodístico editorial, por ejemplo, más aun necesitan tórno coherente, objetivo y claro, además de existir la necesidad de organizaren las ideas desarrolladas en el texto de forma lógica. Algunos alumnos utilizan en demasiado a tipología narrativa en detrimento del

argumento, no consiguiendo, por eso, imprimir un punto de vista sobre el asunto discutido, a fin de formar opinión del público objetivo. Aspecto de suma importancia en un artículo de opinión, sin lo cual él puede perder su caracterización. Por fin, se resalta que los géneros analizados también presentaron desvíos ortográficos y, en algunos momentos, no hicieron el empleo adecuado de la puntuación, además de faltar concordancia verbal y nominal en ciertos trechos. Delante de esos resultados, surgen cuestiones que fomentan las discusiones académicas y pedagógicas para pensar en como mejorar la enseñanza de géneros periodísticos y de la lengua portuguesa dentro del ámbito del curso de graduación de periodismo del ICSEZ/UFAM. Es necesaria la construcción de propuestas curriculares que amenicen esas dificultades de producción textual periodística para que los académicos realmente al final de la graduación estén preparados para actuar en el mercado de trabajo por lo que aprendieron con las nuevas técnicas de producción textual y de las formas de utilización creativa, objetiva y crítica del lenguaje.

Palabras llave: Géneros periodísticos, lenguaje periodístico, editorial, noticia.

Figura 1 - Notícia 1.....	43
Figura 2 - Título e Subtítulo	49
Figura 3 - Página amarela da revista Veja.....	54
Figura 4 - Trecho da entrevista perfil	59

Quadro 1 - Alguns textos que apresentam tipologia textual.....	15
Quadro 2 - Notícia “Pesquisa de verão no gelo”	24
Quadro 3 - Diferença na escrita das siglas	24
Quadro 4 - Editorial 1	30
Quadro 5 - Editorial 2.....	34
Quadro 6 - Editorial 3	37
Quadro 7 - Notícia 1	41
Quadro 8 - Notícia 2	45
Quadro 9 - Notícia 3	48

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	REVISÃO DA LITERATURA.....	12
2.1	O Jornalismo.....	13
2.2	Gêneros e tipologia textual.....	14
2.3	Os gêneros jornalísticos em estudo e suas características.....	15
2.4	A Notícia.....	15
2.5	Entrevista.....	18
2.6	Editorial.....	20
2.7	Língua e Linguagem.....	21
2.8	A linguagem jornalística.....	22
2.9	Os elementos de textualização (coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade).....	25
3.	METODOLOGIA.....	27
4.	RESULTADOS: Análise e discussão.....	30
4.1	Desafios da Escrita jornalística: análise dos textos produzidos por alunos de Comunicação Social/Jornalismo da Ufam-Parintins.....	30
5.	Análise e discussão da Entrevista Pingue-Pongue 1.....	51
6.	Análise e discussão da Entrevista pingue-pongue 2.....	54
7.	Análise e discussão da Entrevista Perfil com Fernanda Soares.....	57
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
	ANEXO 1.....	65
	ANEXO 2.....	68
	ANEXO 3.....	71

1. INTRODUÇÃO

Este projeto intitulado **Desafios da produção textual jornalística** propõe uma reflexão sobre os principais desvios da linguagem jornalística, a partir de quatro categorias de análise, a saber: estrutura do gênero, elementos de textualização, emprego das normas da escrita jornalística e emprego das normas da escrita da língua portuguesa. A notícia, a entrevista e o editorial foram os gêneros textuais jornalísticos escolhidos para compor o *corpus* de estudo dessa pesquisa, a qual traça como objetivo geral: Analisar textos jornalísticos produzidos por alunos de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ, a fim de observar se fazem uso da linguagem jornalística conforme orientam os manuais e literaturas da área de Comunicação Social/Jornalismo.

Durante todo curso de Comunicação Social/Jornalismo, os alunos são chamados a aprender a escrever textos jornalísticos, fazendo uso de uma linguagem peculiar: a linguagem jornalística. Ela se diferencia das demais principalmente pela exigência de concisão e pela forma de dispor a informação. Os textos jornalísticos noticiosos, por exemplo, preparam a informação, fazendo uso da teoria da pirâmide invertida, a qual orienta que as informações principais venham no início do texto, compondo o chamado *lead*, e as complementares no decorrer do texto. Porém, o que se percebe é a dificuldade da maioria dos acadêmicos de jornalismo em aprender e usar esse modelo de uso da linguagem.

Os alunos, na maioria das vezes, chegam à universidade com pouca habilidade em escrita, por isso, logo nos primeiros períodos do curso de Comunicação Social/Jornalismo, a dificuldade em escrever aumenta, pois precisam assimilar as diferenças da linguagem do cotidiano da linguagem jornalística, obrigatória para a prática da produção de textos da área em estudo.

No Brasil há uma deficiência no ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Isso ocorre desde o ensino fundamental, onde o aluno não aprende a interpretar e a escrever textos de maneira crítica e reflexiva. Essa dificuldade é levada para o ensino médio e depois à universidade. Os alunos de certa forma não são motivados à prática de leitura e à prática de escrita, devido ao fraco sistema de ensino da educação brasileira nas escolas, o qual centra mais no ensino da gramática da língua do que no seu uso efetivo.

De acordo com uma pesquisa feita pela Universidade Católica de Brasília, a partir da análise de 800 alunos, em 6 cursos de 4 faculdades, 50% dos estudantes do ensino superior são analfabetos funcionais, ou seja, não entendem o que leem. O levantamento mostra também que a maior parte destes veio de escolas públicas e estuda em instituições particulares (JORNAL PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA ONLINE, 19 de fevereiro de 2014).

Faz-se necessário, então, conhecer os principais problemas relacionados à produção textual dos alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo para pensar em possíveis soluções para melhorar a formação do jornalista do ICSEZ.

A linguagem pode ser analisada não apenas como um simples instrumento de comunicação, mas também como importante objeto na construção de profissionais da área jornalística.

Para chegarmos ao objetivo maior da pesquisa, traçamos como objetivos específicos: realizar levantamento dos principais desvios de uso da linguagem jornalística; verificar os desvios relacionados aos elementos de textualização (coesão, coerência, situacionalidade, intertextualidade, informatividade, aceitabilidade) e verificar os desvios relacionados à composição e à estrutura dos gêneros jornalísticos em estudo.

Assim, essa pesquisa visa verificar se acadêmicos de Comunicação Social/Jornalismo estão produzindo gêneros textuais jornalísticos no formato desejado pela academia e exigido pelo mercado de trabalho. A pesquisa pretende também compreender quais as dificuldades para se conseguir fixar as regras da linguagem jornalística.

Apresenta-se a seguir as discussões teóricas sobre cada gênero jornalístico em estudo, enfocando suas principais características acerca das informações coletadas através dos materiais publicados pelos profissionais da área. Depois se faz discussão sobre a diferença e relevância entre gêneros e tipos textuais na construção do texto, em seguida se mostrar a composição da pirâmide invertida e algumas regras de escrita no texto jornalístico. Também se identificará os elementos de textualização presentes nos gêneros em estudo. Por fim, apresentam-se os procedimentos metodológicos e resultados das análises.

Diante desse breve panorama, considera-se que o jornalismo contemporâneo requer agilidade na construção de um texto, mas para isso precisa-se profissionalizar, ou seja, ensinar a escrita e incentivar a leitura. A partir daí pode-se dizer que alunos de jornalismo podem ser mais eficientes em seus textos. É através desse olhar investigativo que se torna possível rever formas para adequar os alunos ao padrão de linguagem exigido pelo curso em estudo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O Jornalismo

O jornalismo é conhecido como a profissão que tem o objetivo de levar informação para o público, além de várias outras características que o jornalista possui em sua área. Porém, não há apenas uma definição sobre jornalismo, mas sim várias. Cada autor apresenta uma visão sobre a profissão, outros criam manuais de redação, onde são abordadas dicas e técnicas sobre como atuar na área jornalística. O autor Clóvis Rossi (2007, p. 7) define o jornalismo como:

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvinte. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens.

Outros autores como Nelson Traquina (2005, p. 21) afirma que é um absurdo definir o que é jornalismo em apenas um livro. Falar em jornalismo é falar em histórias ou “o jornalismo pode ser uma parte seletiva da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 30). Existem várias concepções diferentes do que pode ser jornalismo. No entanto, mesmo sem ter um único conceito, o jornalismo continua a crescer no mundo contemporâneo, pois “a cultura jornalística fornece toda uma panóplia de mitos acerca da sua própria profissão em que certamente o jornalismo é visto como a melhor profissão” (TRAQUINA, 2005, p. 30).

A função do jornalismo é manter a sociedade informada dos fatos que ocorrem no mundo, transmitir a realidade de forma que não atenda somente interesses particulares, mas sim a comunidade em geral. Para isso, é fundamental a atuação do jornalista, pois é ele a ferramenta principal para se fazer jornalismo.

A teoria do espelho referida no jornalismo como aquela que reflete a realidade, ressalta que “a imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano” (PENA, 2012, p. 125). Diante dessa base teórica, verifica-se que é a imprensa a responsável por manter o público informado mesmo que surjam dificuldades no decorrer da apuração dos acontecimentos.

Na profissão, “o papel do jornalista é fazer com que o jornal cumpra o seu dever de informar os leitores, e por isso muito do que já foi dito se aplica também à actividade de quem escreve para jornais” (GRADIM, 2000, p. 33). Já na teoria do espelho “seu dever é

informar, e informar significa buscar a verdade acima de qualquer coisa” (PENA, 2012, p. 125).

Desse modo o jornalista precisa ser curioso, apurar a fundo as informações e ficar sempre querendo mais, a fim de o que for publicado obtenha êxito dentro do ambiente profissional como fora, pelo público. Além de aprender todas as regras de escrita, o repórter precisa conhecer o código de ética do jornalista, que trata dos direitos à informação, da conduta profissional e das suas responsabilidades, a fim de não cometer erros ao exercer a função, pois, “admitir o erro é obrigação, mas o bom mesmo seria evitá-lo” (TRAQUINA, 2005, p. 120).

Em suma, o campo jornalístico exige conhecimento sobre as regras do jornalismo, na sua técnica, linguagem, escrita, enfim, nos vários critérios que contribuem para o exercício profissional dentro e fora das redações.

2.2 Gêneros e tipologia textual

Muito se fala em gêneros textuais e como eles fazem parte do nosso cotidiano, mas o que são realmente esses gêneros? Os gêneros textuais são textos que encontramos no dia a dia, como por exemplo, cartas, notas, receitas, bulas de remédio, folders informativos, outdoors, enfim, são vários os tipos de gêneros que se pode ter acesso.

É importante ressaltar que os gêneros fazem parte da comunicação realizada pela sociedade, “em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Diante disso, o autor Marcuschi (2008, p. 155) ressalta:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Pode-se perceber que os gêneros textuais estão presentes em todos os lugares, e a forma como são construídos depende do contexto em que se encontram, do interlocutor e do propósito comunicativo. “Todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo a que denominamos *gêneros*” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 55).

Os gêneros também possibilitam ampliar a compreensão em relação à escrita, pois, a produção textual ou “os modelos são constituídos e reconstituídos ao longo de nossa existência em decorrência das inúmeras práticas sociais de que participamos” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 58).

Já o tipo textual “designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo)” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Ou seja, os tipos textuais são textos que tem sua estrutura composta por uma única sequência, podem ser narrativos, argumentativos, expositivos, descritivos e injuntivos. Contudo, ele não pode permanecer sozinho, precisa dos gêneros para existir, pois, “todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam seqüências tipológicas diversificadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 160). Logo, ambos necessitam um do outro para que haja uma produção textual.

Exemplos de tipos textuais:

Quadro 1 - Alguns textos que apresentam tipologia textual

Narrativo	Piada, romance...
Argumentativo	Editorial, resenha...
Descritivo	Entrevista perfil, lista de compras...
Expositivo	Aulas expositivas, dicionário...
Injuntivo	Bula de remédio, manual de instruções...

FONTE - dados da pesquisa, 2014.

A obra de Marchuschi (2008) deixa clara o quanto é necessário entender a diferença entre tipo e gêneros textuais, pois neles são trabalhadas todas as estruturas de como construir textos, além de ambos ajudarem no aprimoramento da escrita e interpretação.

2.3 Os gêneros jornalísticos em estudo e suas características

Para Thais de Mendonça Jorge (2008, p.126), “costuma-se entender como gênero jornalístico a narrativa de alta comunicabilidade em rádio, jornal, ou revista, cinema, tv, vídeo ou na tela de computador, que comunica um fato, descreve uma experiência, informa sobre um acontecimento ou convida a reflexão”.

2.4 A Notícia

Para alguns estudiosos do jornalismo, é difícil definir o que é a notícia. Para Amaral (2008), a notícia é tudo aquilo que informa a sociedade. Ele também cita em sua obra que, para a revista americana *ColliersWeekly*:

Notícia é tudo o que o público necessita saber, tudo aquilo que o público necessita falar, quanto mais comentários suscite, maior o seu valor, é a inteligência exata e oportuna dos acontecimentos, descobrimentos, opiniões e assuntos de todas as categorias, são os detalhes essenciais de tudo o que aconteceu de interesse humano. A essência da notícia é o interesse público (AMARAL, 2008, p. 39).

Já para Erbolato (2004), as notícias são comunicações sobre fatos novos e interessantes que surgem no dia a dia, visando à existência do indivíduo e da própria sociedade. A notícia é o gênero jornalístico de maior veiculação na mídia, está presente todos os dias na vida do cidadão, seja no trabalho ou em qualquer lugar por meio do celular, da internet, enfim, por qualquer meio de informação a notícia faz parte do nosso cotidiano. Para Amaral (2008, p. 39), “a notícia é a matéria-prima do jornalismo, o centro de gravidade do jornal, da mídia em geral, a base de tudo quanto é publicado”.

A finalidade da notícia é informar e atualizar a sociedade dos fatos que acontecem no mundo. É de relevância que ela seja um texto de narrativa explicativa para o entendimento do público. Porém, antes de tudo precisa ser objetiva para que o interlocutor compreenda da melhor forma possível o que o repórter quer dizer, pois, “a linguagem do texto escrito frequentemente difere da linguagem da fala de conversação em seu estilo e complexidade [...]” (ELLIS, 1995, p. 66).

Cada repórter tem sua maneira de escrever, porém, é necessário que atente para os critérios de como é a linguagem da notícia, para que o leitor possa compreender. O gênero notícia deve ser escrito de forma clara, concisa, coerente, de forma que chame a atenção do leitor, pois, se o texto não tiver escrito de maneira compreensível, pode ser considerado chato, e o jornalista ser criticado por não conseguir cumprir o papel de levar informação ao público. Para Erbolato (2004), a linguagem, portanto, deve ser agradável, leve e acessível a todos. O primeiro dever do jornalista é usar sempre o uso correto da língua portuguesa, a fim de que seus textos não apresentem desvios ortográficos, de pontuação, de concordância verbal, nominal etc.

A notícia é o gênero informativo que trata vários assuntos do dia a dia. Geralmente as notícias são textos curtos, claros, diretos, concisos. “Outra característica da notícia é a

objetividade. Deve ser publicada sintética, sem rodeios e de maneira a dar a noção correta do assunto focalizado” (ERBOLATO, 2004, p.56).

Todos os gêneros jornalísticos seguem características diferenciadas em alguns termos. No caso da notícia, geralmente sua forma composicional é formada por: pirâmide investida, lide, sublide, título, sutiã e o olho. Para Nilson Lage:

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma serie de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante e interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar aos acontecimentos, mas de expô-los (2006, p. 17).

A notícia é estruturada em forma de pirâmide invertida que é resumir os fatos mais relevantes em um único parágrafo. Para Pena:

Consiste em um relato que prioriza não a sequencia cronológica dos fatos, mas escala em ordem decrescente os elementos mais importantes [...], modo a apresentar inicialmente os mais atraentes, terminando por aqueles de menor apelo” (PENA, 2012, p. 48).

A pirâmide invertida “permite que você escreva um texto claro e conciso, respondendo todas as perguntas do leitor, em poucos minutos” (JORGE, 2008, p. 166).

O lide é uma forma que o jornalismo encontrou de resumir as informações principais no primeiro parágrafo da notícia para que o leitor se prenda à informação. Sendo assim, “o lide constitui uma unidade de pensamento em si; introduz, resume e fornece explicações ao leitor; procura situá-lo diante dos fatos [...] buscando satisfazer a curiosidade rapidamente” (JORGE, 2012, p. 131-132).

O título da notícia deve ser atraente para que consiga prender a atenção do leitor. O jornalista deve estar sempre inovando, pois, “o título é sempre o mais delicado e o mais difícil de obter numa peça jornalística” (GRADIM, 2000, p. 69). Assim, como nos demais gêneros jornalísticos, a notícia têm suas regras, portanto, é de suma relevância que o profissional da área se atente para a construção do texto. Para Gradim (2000, p. 69):

Informação incluída no *lead*. Todavia, nunca é demais dizê-lo, neste aspecto o seu caráter é essencialmente ditado pelo acontecimento e pela forma que se escolheu para o narrar - *leads* retardados pedem títulos onde a criatividade e as preocupações estéticas brilhem mais que a informação.

Apesar de a notícia necessitar de um título equilibrado, é necessário tomar alguns cuidados para não apelar demais e torná-lo fictício demais, é inegável que na maioria das vezes “o resultado disso são títulos gritantes e sensacionalistas que defraudam e frustram os leitores” (GRADIM, 2000, p. 71).

Também é relevante que no título da notícia se use preferencialmente verbos no presente, fatos que sejam afirmativos para que o leitor sinta que aquela notícia é factual. Gradim (2000) enfatiza que, é desaconselhável o uso de títulos que tenham sentidos negativos, pois o leitor quer saber o que aconteceu e não o oposto e interrogativos que insinuam que o jornal está veiculando rumores ou boatos.

Outra característica é o chamado sublide ou o pescoço da notícia, que depois do lide vem ser essencial para a construção do gênero. O sublide é “[...] um invenção brasileira, que corresponde ao parágrafo seguinte ao lide, no qual se agrupam os fatos que têm importância inferior aos do lide” (JORGE, 2008, p. 134).

O *sutiã* é um termo usado no jornalismo para frase que fica logo abaixo do título, tendo como objetivo sustentar a informação principal (o título). Já o *olho* se refere às informações mais importantes destacadas no texto jornalístico, que na maioria das vezes aparecem em itálico ou negrito para que o leitor consiga identifica-las mais rápido. Geralmente são as falas do entrevistado que vem em destaque.

As notícias têm um público muito grande, seu contexto de circulação está em todo Brasil e no mundo. E pelos meios de comunicação como o rádio, a tv e o jornal impresso, que atualmente fazem parte de milhares de lares, é impossível não ficar informado ou pelo menos ouvir um noticiário. E com a evolução da internet, está cada vez mais fácil a sociedade ficar por dentro dos fatos. Além disso, o aparelho celular também é um forte acesso para que as informações cheguem aos seus interlocutores. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), número de brasileiros com celular cresceu mais de 100% em seis anos.

Este gênero, portanto, é de suma importância para a sociedade, pois é através das notícias que se pode manter atualizado sobre os fatos. A cada momento surgem novas informações sobre diversos temas, como por exemplo, cinema, política, música, jogos, entre outros. Cabendo ao leitor escolher o que vai ser importante no seu âmbito social.

2.5 Entrevista

A entrevista é uma forma de o repórter obter informações para sua matéria, é através dela que são veiculadas as notícias, reportagens etc. Ela é um diálogo entre duas pessoas ou mais, ou seja, os entrevistados são aqueles que no jornalismo são chamados de fontes.

Para realizar uma boa entrevista, o jornalista deve estabelecer um vínculo com o entrevistado, ou seja, deve sempre conhecer quem está entrevistando, deve fazer uma pesquisa antes de ir a campo, pois, “a entrevista é um gênero jornalístico que requer técnica e capacidade profissional, pois se não for bem conduzida redundará em fracasso” (ERBOLATO, 2004, p. 157).

No jornalismo há diferentes tipos de entrevistas. A autora Medina (2008, *apud* JORGE, 2008, p. 114-115) divide-as em quatro tipos: Entrevista-rito, que são aplicadas especificamente para celebridades após ganharem prêmios. Segundo Medina (2008, *apud* JORGE, 2008, p. 114-115), “em geral, para as perguntas de sempre há sempre uma resposta-padrão”. Entrevista anedótica é direcionada a entrevistas em programas de humor. Entrevista diálogo é quando o entrevistado sente-se à vontade em contar sua história. Nesse caso a entrevista pode demorar mais tempo do que o repórter está acostumado a fazer. Entrevistas-Confissões é direcionada aos depoimentos do entrevistado, como no caso de julgamentos.

Além delas, existem ainda outros tipos de entrevistas: entrevista Conceitual, Enquete, Investigativa, Confronto, Perfil, Pingue-pongue, Coletiva e Exclusiva. Porém, as entrevistas mais utilizadas no âmbito jornalístico são a entrevista pingue-pongue e a perfil.

A primeira é formada por perguntas e respostas e, assim como os demais textos jornalísticos, ela requer organização das informações para que possa ter uma repercussão atraente e chamar a atenção do público. Nascimento (2009, p. 98) enfatiza que “[...] não se trata, pois, como alguns podem pensar, de um texto neutro, em que o leitor tem acesso às palavras “literais” do entrevistado, sem interferência do repórter”.

Para realizar a entrevista pingue-pongue, o repórter precisa elaborar uma introdução para que o leitor saiba o que será abordado na entrevista, pois “se ele não dominar, de certo modo, o tema a abordar, e não conduzir a palestra com inteligência, a chance é mínima de obter algo interessante” (AMARAL, 2008, p. 65).

Para realizar a entrevista perfil “você deve, primeiro, ler a biografia para entender a trajetória” (JORGE, 2008, p. 116). Ou seja, para conseguir uma boa entrevista, o repórter deve buscar conhecer seu entrevistado, procurar aproximar-se, compreendê-lo, para que seu trabalho seja finalizado com êxito.

A estrutura da entrevista perfil geralmente começa com uma introdução sobre o assunto, ou seja, “o perfil é um texto baseado na descrição ou a apresentação de determinada

pessoa ou lugar” (NASCIMENTO, 2009, p. 97). Ainda segundo a autora, o jornalista explora cada detalhe, depende da sua percepção para compor um quadro verbal leve e criativo a respeito do local ou da pessoa em destaque (NASCIMENTO, 2009).

Seu ambiente de circulação são as revistas, podem ser de cunho político, empresarial, entretenimento, entre outras. São direcionadas a vários tipos de públicos, cabendo ao leitor decidir o que mais lhe chama a atenção.

2.6 Editorial

O editorial é o gênero opinativo que apresenta a opinião da empresa ou do meio de comunicação sobre os fatos mais repercutidos na atualidade. Podem vir nos jornais impressos, televisivos e na web, assim como nas revistas e no rádio. O editorial tem como objetivo persuadir o telespectador/leitor a questionar, indagar, criar uma visão sobre determinado assunto. Em termos de estrutura, a autora Anabela Gradim ressalta que:

O editorial deve ser relativamente curto, deverá ocupar sempre sensivelmente o mesmo espaço, e ser escrito com graça, ritmo e vivacidade, utilizando um vocabulário rico e variado que não abuse das frases longas. O editorial não pode ser entediante, aborrecendo de morte os seus leitores; nem pedante, tratando-os como retardados aos quais, do cimo da cátedra, é preciso ensinar coisas tão óbvias como apertar os cordões dos sapatos (2000, p. 86).

Suas características textuais são: escrever sempre em terceira pessoa do singular, apresentar argumentações, dados estatísticos, fontes que comprovem o ponto de vista do veículo de comunicação para que o leitor sinta firmeza no que está lendo. Deve ser claro, incisivo, vigoroso e assertivo, como destaca Gradim (2000).

Segundo Beltrão (1980, *apud* Melo, 2003, p. 108), quatro são os atributos de um editorial:

Impessoalidade (não se trata de matéria assinada, utilizando portanto a terceira pessoa do singular ou a primeira do plural); topicalidade (trata de um tema bem delimitado, mesmo que ainda não tenha adquirido configuração pública); condensalidade (poucas ideias, dando maior ênfase às afirmações que às demonstrações); plasticidade (flexibilidade, maleabilidade, não dogmatismo).

Gradim (2000) destaca que o texto editorial deve seguir apenas um tema, mostrando-o na abertura, argumentando no corpo do texto e finalizando-o de forma coerente e necessária, pela posição inicialmente adotada. Ainda segundo a autora, “é de extrema importância o rigor da argumentação, a clareza das deduções, a lucidez da análise e a justeza das conclusões” (GRADIM, 2000, p. 85).

Sendo assim, vale dizer que, o editorial escolhe sempre um lado para opinar, pois, “o jornal está, por essência, comprometido a dizer em voz alta o que pensa” (GRADIM, 2000, p. 83). Segue regras para elaboração, itens que enriquecem o texto jornalístico, proporcionando maior número de leitores.

2.7 Língua e Linguagem

Para muitos, os conceitos de língua e linguagem parecem ter o mesmo significado. Contudo, veremos que são conceitos diferenciados, mas que possuem relação, pois a língua é um tipo de linguagem. Antes de chegar às definições de língua e linguagem, é necessário entender a linguística, campo de onde surgiram esses estudos.

Segundo Bagno, Gagné e Stubbs (2002, p. 23-24), a língua é como uma atividade social, um trabalho em conjunto com os falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente através da fala e da escrita. Ou seja, a língua é definida como um conjunto de componentes que unidos possibilitam a interação entre a sociedade. Diante disso, “qualquer língua é sempre, portanto, uma realidade plural e heterogênea” (FARACO, 2012, p. 39).

Os idiomas como o português, o inglês, o espanhol, o italiano, entre outros, fazem parte desse conjunto, assim como a língua de sinais denominada no Brasil como libras e todas as outras formas que permitam a comunicação entre o homem.

Cada idioma tem suas particularidades, a comunicação é realizada somente se ambos os falantes pertencerem ou conhecerem a mesma língua. De acordo com Bagno, Gagné e Stubbs (2002, p. 33) “no que diz respeito à língua, verifica-se no Brasil de hoje uma interpenetração cada vez maior entre as diferentes variedades regionais, estilísticas, sociais, etc”. Cada região apresenta maneiras diferentes de falar, o mineiro é diferente do carioca, o baiano é diferente do gaúcho, e é assim com outros estados. Para a autora Irandé Antunes (2009, p. 21):

[...] a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos (que tem um significante e um significado); deixa de ser apenas um conjunto de regras ou um conjunto de frases gramaticais, para definir-se como *fenômeno social*, como *uma prática de atuação interativa*, dependente da cultura de seus usuários, no sentido mais amplo da palavra. Assim, a língua assume um caráter político, um caráter histórico e sociocultural, que ultrapassa em muito o conjunto de suas determinações internas, ainda que consistentes e sistemáticas (grifos do autor)

Em outras palavras a língua não é só um conjunto de regras gramaticais que se deve obrigatoriamente a aprender com o tempo, mas sim a manutenção da cultura de cada povo, ou seja, “a língua é, assim um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história” (ANTUNES, 2009, p. 23).

Em suma, a língua busca identificar o que pode ser relevante para o processo cognitivo do ser humano, ou melhor dizendo, trazer concepções que ajudem no crescimento linguístico da sociedade.

Por outro lado, tem a linguagem que é toda forma que as pessoas usam para se comunicar, pode ser oral ou escrita, verbal e não verbal. Tudo o que o homem puder fazer para se comunicar é linguagem, como, por exemplo, placas de trânsito, gestos, avisos, imagens, música, objetos etc.

2.8 A linguagem jornalística

O texto jornalístico é diferente porque o seu objetivo, função social, suporte, domínio, discurso são diferentes de outros gêneros, principalmente do escolar mais conhecido: a redação. Em outras palavras, ele obedece outro tipo de linguagem, chamado de linguagem jornalística.

A linguagem jornalística é formada por normas impostas pelos manuais de que orientam como escrever o texto jornalístico. Essas regras devem ser obedecidas na construção das notícias, reportagens, editoriais, entrevistas etc. O autor Amaral (2008) alerta que as regras de redação dependem de cada texto, pois todos têm sua maneira de escrever. A única característica notável entre eles são a criatividade, competência e talento.

Para Nascimento (2009), o discurso jornalístico tem sua própria identidade, trabalha com os fatos do cotidiano, por isso deve-se atender a todas as exigências do texto jornalístico que são: a universalidade, a atualidade, o caráter factual e a verossimilhança¹.

De acordo com Erbolato (2008), o jornalista enfrenta alguns obstáculos ao chegar às redações. Devido à correria, acaba entregando ao editor matérias sem o padrão da linguagem jornalística. A palavra certa foge-lhe à mente, ocasionando assim um trabalho a mais na hora da revisão. É nesse sentido que as instruções são necessárias, para preparar o jornalista a ter o mínimo de dúvidas. A seguir, veremos quais as principais técnicas utilizadas na linguagem jornalística:

- Parágrafos curtos: eles estabelecem ao leitor maior compreensão do texto, pois, como sabemos os jornais impressos possuem pouco espaço para textos longos.
- Seja direto: significa escrever sem rodeios, ou seja, sem ser nariz de cera. Ao escrever desta forma, atribui clareza ao texto e uma interpretação agradável, pois, sujeito, verbo e complemento ajudam a prevenir eventuais dificuldades no entendimento do enunciado, ressalta Nascimento (2009).
- Títulos: Apenas a primeira letra deve estar em maiúscula (caixa alta), o restante em minúscula.
- O uso das aspas: utilizados em entrevistas para identificar a voz do entrevistado, no caso de citação indireta, por exemplo: “É muito mais produtivo para a pesquisa. Não tem que ficar indo e voltando toda hora. Podemos nos dedicar mais intensamente”, afirma o botânico Jair Putzke. Na citação direta não é necessário.
- Os números: deve-se escrever por extenso de um a dez, e a partir de 11 em algarismo. Porém, quando os números a partir de 11 aparecerem no início do parágrafo, deve-se escrever por extenso. Por exemplo: Quinze pessoas discutiram na reunião.
- As horas: no texto jornalístico devem ser escritas da seguinte forma; para horas inteiras às 14h, para horas e minutos às 14h:15. No caso dos segundos, Nascimento (2009), ressalta que só deve ser utilizado quando houver necessidade, como nos casos de cronometragem esportiva, escreve-se, 2h:30min20s.
- Letras maiúsculas: utilizar apenas em nomes próprios, regiões, nomes dos institutos de ensino, por exemplo, Curso de Administração e etc. Além, de “empregá-las nos nomes de órgãos do poder público federal, estadual ou municipal, assim como nos das repartições e entidades públicas e particulares em geral” (ERBOLATO, 2008, p. 131).
- Cargos: sempre acrescentar o cargo ocupado pela pessoa citada no texto jornalístico. Exemplo: a coordenadora do Curso de Pedagogia Helena Rocha.
- Redundâncias: evitar utilizar palavras que tenham o mesmo significado na mesma frase. Assim como, não usar palavras estrangeiras em demasia.

- Preferir escrever parágrafos em períodos: nos jornais, essa técnica deve ser obedecida a rigor, pois todo texto deve ter divisões em cada parágrafo. Segundo Nascimento e Prado, essas divisões podem ser pontos finais ou pontos de interrogação e exclamação. No exemplo abaixo se verifica três períodos em um único parágrafo.

Quadro 2 - Notícia “Pesquisa de verão no gelo”

Palmas, gritos e assobios ecoam pelo avião de carga barulhento e frio da Força Aérea Brasileira. Apesar das quase três horas viajando “joelho com joelho”, apertados em duas longas fileiras de bancos não recicláveis, cerca de 30 cientistas estão entusiasmados na chegada à Antártida. Passa das 15h quando eles colocam os pés na base chilena Presidente Eduardo Frei, cuja pista de pouso de apenas 1.300 metros é a porta de entrada de pessoal e suprimentos para muitas das instalações científicas do continente congelado.

FONTE - Jornal a crítica. Manaus, Domingo, 3 de Março de 2013.

- Adjetivação: Segundo Erbolato (2008), o jornalismo moderno desviar o excesso da adjetivação, com o intuito da leitura ser singela e condensada.
- Siglas: o seu significado deve sempre ser escrito na primeira vez entre parênteses vem que aparecer no texto, pois muitos dos leitores não sabem o que significa determinada sigla. De acordo com Nascimento (2009), outro ponto importante é que, em siglas que podem ser lidas como uma palavra. Deve-se usar letra maiúscula apenas na primeira letra, nos casos de siglas que apresentarem letras que não podem ser lidas como uma palavra, a forma correta é escrever toda em maiúscula e para aquelas que apresentarem somente três letras, utilizar apenas letra maiúscula. Exemplo:

Quadro 3 - Diferença na escrita das siglas

Siglas lidas como uma palavra (Apenas a primeira letra em maiúscula).	Siglas que não podem ser lidas como uma palavra. (Todas as letras maiúsculas).	Siglas de apenas três letras (Apenas letras maiúsculas)
Petrobras	IBGE	FBI

FONTE - dados da pesquisa, 2014.

Além de todas essas regras, deve-se obedecer às regras normativas da língua portuguesa, pois a “ortografia, gramática e pontuação, empregues com correção são imprescindíveis ao trabalho jornalístico” (GRADIM, 2000, p. 139). É a partir desse conjunto de elementos que o texto será coerente e coeso para uma boa interpretação. Portanto, é necessário compreender as normas da linguagem jornalística, pois é através dela que os textos noticiosos irão ser construídos e veiculados nos meios de comunicação de massa.

2.9 Os elementos de textualização (coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade).

Na construção de textos, é necessário o uso dos elementos de textualidade para que se compreenda de forma clara os argumentos que surgem no decorrer de cada parágrafo. Para isso, o autor do texto deve conhecer o funcionamento deles: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, aceitabilidade.

Para as autoras Melo e Gomes (1999), a coesão é um elemento importante do texto que se refere à vinculação de palavras, expressões ou frases dentro de uma continuidade. A cada parágrafo, devem-se usar palavras que deem sentidos ao texto, ou seja, trazer harmonia com que o tema aborda, fazendo uso de vírgulas, ponto e vírgula, ponto e todos os outros tipos de pontuações, bem como usar sinônimos evitando repetições de palavras. Assim, as palavras e os parágrafos não estão soltos, quebrados, mas estão atrelados, unidos entre si, como aponta Antunes (2005).

Em síntese, é notável que na construção do texto não se deva apenas escrever o que se entendeu, mas sim buscar estratégias linguísticas que tragam elementos textuais coerentes para um bom entendimento, ou seja, as escolhas de palavras indevidas podem confundir o sentido ou até comprometer o texto (ANTUNES, 2009).

A coerência está ligada à coesão, seu objetivo é organizar as ideias no texto, de forma que não comprometa a leitura. Um texto coerente significa um texto bem escrito, argumentações em sintonia com os parágrafos anteriores. Desta forma, “coesão e coerência constituem, assim, duas propriedades da matéria textual, as quais, para serem relevantes, devem estar em inteira harmonia e consonância” (ANTUNES, 2009, p. 79).

Organizar as ideias sem fugir do tema requer habilidades para se obter uma boa escrita, pois “[...] não se pode escolher aleatoriamente as palavras, nem arrumá-las de qualquer jeito, nem tampouco optar por qualquer sequência de frases” (ANTUNES, 2009, p. 93). Portanto, ao organizar um texto, deve-se dar importância à coerência já que “por ela é que reconhecemos a unidade de sentido e intenção prevista” (ANTUNES, 2009, p. 96). Além desse, existem outros elementos na construção de textos, a saber:

A informatividade é uma característica que diz respeito ao nível de novidade, de imprevisibilidade que a compreensão de um texto permite no seu decorrer (ANTUNES, 2009,

p. 125). Ou seja, é um critério fundamental de um texto, pois, “em princípio, todo texto traz algum elemento de novidade” (ANTUNES, 2009, p. 126).

O leitor ao abrir um jornal, um livro, uma revista ou qualquer outro tipo de texto não vai se interessar por aquilo que já se pode imaginar ou adivinhar, mas sim ler algo inédito que tenha critérios de noticiabilidade. A autora Antunes destaca:

Quando o discurso nos parece muito pertinente, não o queremos perder e, facilmente, consentimos em “prestar-lhe toda a atenção”. Ocorre que um discurso é tanto mais pertinente quanto mais ele acrescenta; esclarece; informa; amplia nosso repertório; atende nossas aspirações estéticas; nossas representações simbólicas; satisfaz nossas necessidades de contato; nosso desejo do lúdico, do ameno e etc (2009, p. 126).

Por outro lado, as autoras Koch e Elias (2012) ressaltam que entre os vários discursos encaminhados na construção de textos, a informatividade pode conter necessariamente tanto informações já conhecidas, como as novas. Essas informações são escolhidas pelo leitor que pode ou não se interessar pelo o que está sendo abordado. Portanto, um texto que possua apenas informações novas seria impossível de compreender, e um texto que possua só informações dadas seria circular, redundante e inofensivo (KOCH; ELIAS, 2012). Sendo assim, é imprescindível levar em consideração o elemento da informatividade, pois há sempre algo novo a escrever e transmitir os leitores.

A intencionalidade está relacionada ao comportamento de quem vai construir o texto, ou seja, refere-se à intenção do locutor em como vai transmitir suas ideias e, em como o receptor vai entendê-la a partir da leitura. Dessa forma, a produção de textos terá mais êxito. Em outras palavras “essa *intencionalidade* representa, pois, a *disposição do interlocutor de cooperar com seu parceiro* para que ele possa processar, com sentidos e as intenções do que é expresso” (ANTUNES, 2009, p. 75-76, grifos do autor).

A aceitabilidade em contrapartida refere-se em como o receptor vai reagir ao texto. É ele quem vai avaliar se a escrita está coerente e coesa, pode aceitar ou não o que foi proposto pelo autor. A aceitabilidade “constitui também um esforço de cooperação, no que resulta, para a atividade verbal, a existência de uma cooperação mútua, “um contrato” ou uma via de duas mãos, cujo efeito maior é a comunhão de sentidos e de intensões” (ANTUNES, 2009, p. 76).

Outra característica importante na construção de textos é a situacionalidade, que em determinado contexto pode ser utilizado. A situacionalidade precisa da atenção de quem escreve, pois dentro do texto são criados vários fatores que dão sentidos à situação em que está

inserido. Dentro desse contexto, “o homem serve de mediador, com suas crenças e ideias, recriando a situação” (SIMON, 2008, p. 04).

O intertexto é na construção do texto uma peça imprescindível para obter uma escrita coerente. A intertextualidade “em sentido restrito, todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte social da memória dos leitores” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 101).

Diante desse conceito, fica claro que na escrita de textos, as concepções são ampliadas a partir de outros textos, são argumentos baseados em conceitos já publicados, o que é compreendido rapidamente pelo leitor, pois em algum momento aquela afirmação já foi dita em algum lugar e fica presa na memória do interlocutor, podendo a qualquer momento evidenciar e comparar quando se depara com um texto já exposto anteriormente.

Segundo Koch e Elias (2012), é muito comum as matérias jornalísticas apresentarem aos leitores em jornais ou revistas, artigos científicos, resenhas, entre outras produções, de onde vieram as fontes na formulação dos textos a que o autor faz citação. Desta forma, podemos perceber que a intertextualidade está presente em diferentes tipos de textos.

Como se pode perceber, não há escrita de textos sem uma base de outros conhecimentos. A intertextualidade é positiva, pois pode trazer ao texto uma organização melhor na fase de elaboração. Sendo assim, para Antunes (2009), é da adaptação de um determinado texto às peculiaridades enunciativas de seu tipo ou de seu gênero que decorrem os princípios estruturais de sua organização, condição essa que garantem ajustes e relevância.

Ainda na concepção de Antunes (2009, p. 165):

Sabe-se que a dimensão da intertextualidade representa, sem dúvida, um referencial para a determinação dos recursos linguísticos a serem utilizados e, dessa forma, constitui um suporte para o cálculo da adequação do texto às suas situações de ocorrência.

Em síntese, a intertextualidade é uma atividade de grande importância para aqueles que trabalham com a escrita de textos. Com ela pode-se ampliar ideias e, conseqüentemente, se conseguirá uma recepção pelos leitores.

3. METODOLOGIA

Como vimos anteriormente em nosso referencial teórico, o texto jornalístico assume um papel importante na sociedade, por isso necessita de uma compreensão adequada sobre o que está sendo escrito nos meios de comunicação. João Bosco Medeiros (2008) pondera que a

análise é a base para o desenvolvimento de reflexões que mostrem a organização dos elementos encontrados no texto. Segundo o autor, “analisar significa, portanto, decompor, examinar sistematicamente os elementos que compõem o texto” (MEDEIROS, 2008, p. 92). Entretanto, frisa que para a análise obter o resultado esperado, é de suma importância que leve os processos de leitura e interpretação como discussão das ideias do texto.

São objetivos da análise do texto: aprender a ler, escolher textos significativos, reconhecer a organização do texto, interpretá-lo, procurar o significado de suas palavras, desenvolver a capacidade de distinguir fatos, opiniões, hipóteses, detectar ideias principais e secundárias, chegar a uma conclusão (MEDEIROS, 2008, p. 93).

Medeiros (2008) destaca vários tipos de análise, a saber: a análise dos elementos, das relações, da estrutura do texto, a textual, a temática, a interpretativa, a de problematização e a de síntese. Porém, o enfoque desta pesquisa é verificar os desvios encontrados nos textos, o que significa dizer que apenas o tipo análise de problematização contribui para o estudo proposto, pois a análise de problematização ergue os problemas encontrados no texto e discute-os, assim analisa Medeiros (2008). Nesse caso, pode-se dizer que “a *análise* envolve capacidade do leitor para verificar as partes constitutivas do texto, de tal forma que possa perceber os nexos lógicos das ideias e sua organização” (MEDEIROS, 2008, p. 91, grifos do autor).

Diante disso, fez-se necessário empregar o método lógico-indutivo, posto que a observação na amostra tenderá a indicar um resultado a partir de fatos particulares. Para Medeiros (2008) na indução, mesmo que todas as suposições posteriores sejam adequadas, a conclusão pode não o ser.

Realizou-se um levantamento bibliográfico a partir de fontes relevantes, como: livros, artigos e jornais impressos, a fim de obter informações suficientes que atendessem a direção da pesquisa realizada. Visto que, embasamentos de outros textos aprimoram e enriquecem o conhecimento sobre o assunto.

A abordagem é qualitativa, porque não se objetiva mensurar volumes de textos, mas sim inferir acerca da significância dos conteúdos. A pesquisa foi realizada em condições naturais, com o quantitativo de 09 textos jornalísticos dos alunos de Comunicação Social/Jornalismo da Ufam-Parintins, sem que o material tenha sido modificado via intervenções ou manuseio. Foram escolhidos dois textos informativos, a notícia, a entrevista perfil e pingue-pongue e um opinativo, o editorial.

Diante disso, para classificarmos elementos relevantes para nossa análise, cada um dos textos jornalísticos foi dividido em três, totalizando 09. Cada análise foi dividida em capítulo, para que cada um seja observado na sua particularidade. Os locais de coleta foram os sites de divulgação de notícias e informações, blog *Jornalizando* e *Icsez Digital*, criados pelos próprios acadêmicos do curso. Contudo, apesar dos textos estarem disponíveis via web, procurou-se manter em anonimato os nomes dos alunos. Por isso, os autores foram identificados com as iniciais de cada texto analisado, por exemplo, a letra “N”, no caso da notícia, N1, N2, N3, ...etc.

As escolhas dos três tipos de textos jornalísticos foram feitas pela maior abrangência em que são veiculadas nos meios de comunicação e também pela produção realizada no processo acadêmico. Ressalta-se que não estamos descartando a importância dos outros gêneros, pois sabemos que todos contribuem para o jornalismo, e quão é significativo na sociedade contemporânea. Entretanto, o que se objetivou foi verificar a qualidade a partir dos textos analisados.

A notícia, a entrevista e o editorial são textos presentes no cotidiano da sociedade. Todos os dias trazem informações acerca do que está acontecendo mundialmente. Por isso, são os textos jornalísticos de maior repercussão, pois a partir da notícia é que se pode ampliar qualquer tipo de comunicação. Segundo Correia (2011), a notícia é no sentido mais amplo, aplicável às comunicações apresentadas rotineiramente sobre aquilo que pode ser novo, atual e relevante para a comunidade humana. Ainda, segundo o autor, é a partir das notícias que englobamos os outros gêneros do jornalismo. Diante disso, a coleta dos três tipos de texto do presente estudo é aceitável para se formular determinado resultado.

Além de toda essa teoria, há ainda o processo de aprendizagem que o aluno adquire no meio acadêmico. É nas práticas de escrita que ele consegue atribuir todo seu conhecimento sobre a técnica e a linguagem do jornalismo. No intuito de verificar quais os textos mais recorrentes nesse processo, foi feito um levantamento de quais textos são mais elaborados na fase de produção textual. A partir disso, realizou-se uma seleção, e os mais produzidos foi o material escolhido para a pesquisa.

Durante o processo, foram escolhidas três categorias de análise, que são: infraestrutura do texto, as regras da linguagem jornalística e os elementos de textualização. Sendo que a infraestrutura do texto é relacionada às características do gênero na sua particularidade, ou seja, verificar se traz os elementos que constituem cada um, conforme as regras do jornalismo. Para isso, foi realizado um levantamento das principais características dos textos não atendidas pelos alunos.

Já a linguagem jornalística, em geral, trata da escrita conforme as instruções do texto jornalístico, que obrigatoriamente todos devem apresentar. Essa fase da análise observou-se os desvios encontrados enquanto à composição dos textos em estudo. Pois, como se sabe, os textos jornalísticos, em geral, devem atender uma diferente forma de escrever. Seus elementos composicionais são diferenciados da redação escolar.

Contudo, necessitam dos elementos de textualização e das regras ortográficas a fim de apresentar um texto completo e coerente aos olhos do público leitor, esse é relacionado ao terceiro tópico de análise, que visa distinguir os conhecimentos acerca da gramática.

4. RESULTADOS: Análise e discussão

4.1 Desafios da Escrita jornalística: análise dos textos produzidos por alunos de Comunicação Social/Jornalismo da Ufam-Parintins

Como se sabe, o jornalismo possui uma linguagem diferente para a construção do texto: a linguagem jornalística. Ela possui regras que instruem o repórter a construir um texto informativo ou opinativo de forma coerente, coeso, conciso etc. Ao mesmo tempo, se faz necessário obedecer às regras normativas da língua portuguesa, relacionadas a acentuações, pontuações, concordâncias, entre outras. Além disso, é necessário observar a construção de cada gênero textual jornalístico, no que diz respeito à estrutura do gênero, ao estilo e as forma discursivas. Dessa forma, para o texto jornalístico se apresentar de forma clara ao público, necessita de um conjunto de normas e orientações para sua elaboração. Os textos serão analisados considerando-se três categorias de análise, a saber: **infraestrutura do texto, elementos de textualização e regras da linguagem jornalística**. Portanto, veremos a seguir a análise de alguns textos jornalísticos produzidos por alunos/acadêmicos do ICSEZ para observar se eles seguem os critérios elencados anteriormente. Analisar-se-á primeiro editoriais, depois as notícias e por fim as entrevistas.

Quadro 4 - Editorial 1

O AUMENTO DO PREÇO DA CORRIDA DOS MOTO TAXISTAS EM PARINTINS

Em Parintins como em todo Brasil se vê a necessidade de ter um transporte público. Existem muitas pessoas que não tem condições de possuir um veículo próprio, não tendo como se deslocar de um lugar para outro em poucos minutos.

Por falta de alternativa, esses usuários recorrem aos serviços disponíveis de transporte. O moto taxi é um desses serviços, muito utilizado em nossa cidade. Ele faz o trabalho que devia ser feito pelo transporte público que não temos. Sendo também um meio de transporte particular, cobra pelo seu serviço.

Hoje a categoria cresceu, possui presidente, associados e mesmo tendo a sua organização formada, a classe não tem um lugar para sua sede.

Essa é uma das dificuldades, mas o problema maior é o aumento do combustível. Tudo ficou mais caro, a gasolina é essencial para o trabalho, as motos são movidas a álcool e gasolina, sendo o valor desse produto alto, os profissionais não podem cobrar um valor menor como o de antigamente que era de R\$3,00. Esses pais e mães de famílias não tendo outra opção, querem um reajuste da tarifa para as corridas, pois além do aumento deste produto, outros itens de necessidade também tiveram os preços acrescidos, as peças das motos, o preço dos alimentos, os produtos regionais e o aumento do salário.

Os motos taxistas não tendo outra saída para as constantes mudanças de valores, aumentaram o preço da corrida. O reajuste pedido por eles não teve aprovação, e a classe se reuniu e criou uma tabela de preços, que está valendo neste ano, o valor cobrado agora é de

R\$ 4,00 só para as corridas feitas na cidade, e em outros lugares como as comunidades do Aninga, Parananema e Macurany, ficou combinado o preço de R\$15,00.

Os usuários que utilizam desse meio de transporte, não aceitam esses valores, e cobram para que permaneça o preço antigo, isso não é possível, pois todos nós sofremos com as constantes mudanças de preço. Os profissionais precisam desse trabalho para sobreviver, a tarifa vai continuar com este preço, algumas pessoas já estão se adaptando ao novo valor, e outros não concordam com o aumento.

A categoria precisa ser reconhecida, quase ninguém dá valor à classe, homens e mulheres deixam suas casas, seus filhos, sua família para darem uma vida mais digna. Assim como a cesta básica aumenta ficando com um preço absurdo nada mais cabível aumentar o preço da corrida do moto taxi, que trabalham na chuva ou no sol, e nem sempre conseguem passageiro, é difícil esse trabalho tendo, que ficar a mercê dos outros.

FONTE - <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br>.

O editorial intitulado “*O aumento do preço da corrida dos moto taxistas em Parintins*”¹ é um dos textos elaborados pelos acadêmicos de jornalismo da Ufam-Parintins e publicado no blog *Jornalstando* criado por eles.

Considerando a **infraestrutura** do editorial, percebe-se que seu enunciado está todo em letra maiúscula (caixa alta). Contudo, de acordo com a linguagem jornalística, o uso correto é apenas a primeira letra em maiúscula e o restante em minúscula (caixa baixa). Gradim (2000) ressalta que o uso da caixa alta traz uma forte conotação simbólica aos olhares do interlocutor, mesmo que inconscientemente, o leitor consegue assimilar o nível da publicação. Em textos jornalísticos todo título deve obedecer a essa regra

Outro ponto a ressaltar é a frase escolhida para o editorial, está prolixa, ou seja, está grande e não chama a atenção do leitor. O autor (a) do texto não soube organizar as ideias, ou seja, faltou criatividade na elaboração, pois todo título precisa adequar-se ao propósito

¹ Texto disponível em <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br/2013/02/normal-0-21-false-false-false-ptbr-x.html>.

comunicativo. Nesse caso, o E1 ainda não domina ou segue as regras de construção de títulos, segundo orienta os manuais da área.

Como sabemos, o editorial é a opinião da empresa de comunicação, logo, trata de assuntos que estão sendo repercutidos no momento. Muitas vezes, são assuntos que não interessam tanto ao leitor. Diante disso, verifica-se que nesse contexto o título apresentado não chama atenção. Poderia ser escrito de outra forma como, por exemplo: “Gasolina cara aumenta a corrida dos moto taxistas” ou “A corrida está cara em Parintins”, além de outras formas que o autor poderia ter utilizado.

Os editoriais necessitam de títulos criativos, que façam os leitores se perguntarem “Preciso saber do que se trata!”, “Por que o jornal usou essa palavra?” ou “que corrida está cara?”, pois, na segunda opção, não está relacionado com os mototaxistas, criando, assim, curiosidade na cabeça do leitor. Tem sempre que conter um pouco de mistério nos títulos dos editoriais, deixar sempre “um quero mais” para que estimule o público a ler a matéria. Gradim (2000) destaca que os temas dos editoriais em questão devem ser direcionados ao público em geral, portanto, títulos atraentes são essenciais para o leitor.

A introdução do E1 não completou a ideia no primeiro período da frase. Nota-se que faltou complemento para sustentar a “cabeça” do editorial, no que ocasionou uma quebra na sua apresentação. A forma adequada seria elaborar uma entrada que instigasse o interesse do público, para depois entrar na argumentação, deixando claro o assunto a ser tratado. Segundo Gradim (2000), construir um texto por blocos significa que, a cada momento, pode-se entender de forma lógica e autônoma.

No desenvolvimento, foi verificado que há uma desordem na argumentação em relação ao tema, em alguns momentos, o autor do texto confunde-se em suas próprias palavras, não conseguindo organizar os contra-argumentos que fortaleçam o contexto defendido. Faltou apresentar dados de quantos mototaxistas passam pela situação, pois, em determinados parágrafos, alega-se que há muitos trabalhadores vivendo nessa situação de descaso. Em relação à conclusão ou o fecho do E1, terminou sem reforçar a tese principal. O que se pode observar, é que o autor tentou problematizar mais uma vez, abrindo novamente outra abordagem do que fazer uma conclusão do assunto. O texto editorial deverá ater-se a um único tema, expondo-o na abertura, argumentando no corpo do texto, e concluindo de forma coerente a posição iniciada, assim pondera Gradim (2000). Deste modo, o apropriado seria fechar o editorial com uma síntese que afirmasse o ponto de vista de que foi apresentado e defendido no texto.

Considerando os elementos de textualização presentes no texto, o grau de informatividade permite que o leitor entenda que a categoria de mototaxistas está reivindicando melhorias no seu meio de trabalho. Porém, não traz dados estatísticos que afirmem desde quando isso vem acontecendo e por que somente eles procuram resolver tal problema. Segundo Antunes (2009) há sempre novos recursos para transmitir credibilidade ao conteúdo que expressamos. Portanto, faltou ampliar subsídios que deixasse o interlocutor informado, sem dúvidas. O editorial é um gênero opinativo, ou seja, instiga o leitor a formular opiniões ou concordar com ele. Mas também tem a capacidade de transmitir informação sobre a discussão do momento.

No que se refere à coesão e coerência no texto do E1 (2013), percebe-se que há conflitos entre as frases, por exemplo, no 5º parágrafo:

Essa é uma das dificuldades, mas o problema maior é o aumento do combustível. Tudo ficou mais caro, a gasolina é essencial para o trabalho, as motos são movidas a álcool e **gasolina,sendo** o valor desse produto alto, os profissionais não podem cobrar um valor menor como o de antigamente que era de R\$3,00.

O que se entende é a falta de coerência no texto, que a todo momento fica mais confuso, pois não há uma sequência lógica entre as ideias. A cada novo período uma informação é posta, sem relação clara e lógica com a anterior. Em determinado momento o assunto aborda argumentos sobre os mototaxistas e em outro desvia o foco do assunto principal, falando de gasolina, cesta básica, o que acaba confundindo o leitor.

A intertextualidade não foi bem explorada no texto, pelo fato de não apresentar de forma clara elementos que sustentem a opinião do autor (a), ou seja, a intertextualidade insere-se tudo quanto, em um texto, pressupõe o direcionamento, mesmo que não declarada, a outros textos anteriores (ANTUNES, 2009). A situacionalidade foi empregada de forma satisfatória. Consegue envolver o público ao texto, isto é, na situação em que se encontra o fato. A aceitabilidade e a intencionalidade poderia ser melhor explorada, pois não há características de fontes verossímeis para envolver o leitor a compreender satisfatoriamente o texto.

Considerando as regras da linguagem jornalística, o texto apresenta alguns desvios. Na segunda linha do primeiro parágrafo, nota-se que a palavra “*tem*” está sem acentuação, sendo que, segundo a ortografia da língua portuguesa, quando a concordância estiver relacionada a terceira pessoa do plural, o verbo deve ser acentuado. Erros de ortografia passam

despercebidos pelos acadêmicos, que acabam publicando no próprio blog do curso sem uma revisão mais séria sobre as regras da ortografia da língua portuguesa.

A palavra “*transporte*” é repetida três vezes no segundo parágrafo do editorial, assim como, no sexto a palavra “*preço*” também é repetida três vezes no mesmo parágrafo. Para não ficar cansativa a leitura, deve-se usar sinônimos de mesmo sentido para não haver repetições desnecessárias, enfadando o leitor o público leitor.

Outro problema é verificado entre as palavras *gasolina* e *sendo*, pois sempre se deve colocar espaço depois de cada pontuação. O uso incorreto de vírgulas aparece várias vezes no editorial.

A falta de concordância nominal está presente no editorial, como na frase: “*A categoria precisa ser reconhecida, quase ninguém dá valor à **classe,homens e mulheres** deixam suas casas, seus filhos, **sua família** para darem uma vida mais digna*”. O adequado seria que a palavra “sua” estivesse no plural, sempre em harmonia com o restante da frase. Assim, o texto ficará de acordo com as normas da gramática normativa. Outra questão a ressaltar é o emprego apropriado da pontuação, pois assim apresentaria mais objetividade e coerência.

Quadro 5 - Editorial 2

Necessidade de restaurante universitário

Os direitos que os alunos têm sobre o Restaurante Universitário passam despercebidos, pois esse projeto já poderia ter sido implantado desde a existência do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ).

O Restaurante Universitário (RU) é um projeto das Universidades Federais e demais Universidades, visando às necessidades dos universitários e professores. Em Parintins esse projeto está em andamento no (ICSEZ).

Segundo o coordenador administrativo da Ufam, Valcemir da Rocha, o projeto já está em execução, e passou por processo de licitação durante seis meses. A resposta da empresa contratada será dada na próxima semana, depois de ouvida as propostas.

O custo da refeição possivelmente será o padrão de outras Universidades, R\$1.25, gerando uma economia significativa ao bolso dos estudantes. Estimam-se novas condições possíveis que facilite a vida dos acadêmicos, dentro e fora da universidade.

No campus de Parintins, esse projeto está em movimento. Passando pelo processo de licitação de empresas concorrendo para atender as necessidades dos que fazem uso da instituição. Os coordenadores desse projeto afirmam que aguardam as apresentações de propostas da melhor empresa para atender a demanda.

O restaurante funcionará na cantina do próprio (ICSEZ). Atenderá as necessidades dos acadêmicos, pois muitos não são de Parintins e se submetem a várias dificuldades, como: pagar aluguel, água, luz, alimentação, entre outros. Sendo assim, com o funcionamento do mesmo, não precisarão se deslocar da universidade para fazerem refeições.

Com tudo, esse recurso já deveria estar desde o princípio, inserido no projeto de construção do prédio da Universidade. Em meio a tantas greves, os alunos deveriam reivindicar seus direitos em forma de mobilização, buscando respostas não só da Universidade em si, mas do Governo Federal.

O benefício será do acadêmico, que poderá ficar na faculdade por mais tempo durante o dia. A participação dos universitários aliado a sua força de vontade voltada para a resolução desse problema, será fundamental para que no futuro, sua credibilidade frente a outros assuntos voltados para o melhoramento do sistema educacional do (ICSEZ), não possa ser contestada. Além disso, o funcionamento desse restaurante poderia estar gerando emprego.

Implantada em Parintins desde 2005, a Universidade deve agir o quanto antes para implantar este restaurante, não apenas por que se trata de um direito dos acadêmicos, mas também beneficiará todos que trabalham no ICSEZ.

FONTE - <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br>.

No segundo editorial intitulado “*Necessidade de restaurante universitário*”², foram encontrados alguns desvios estruturais e na linguagem jornalística.

O título do texto do aluno E2 não é criativo de forma a chamar atenção do interlocutor. Ele torna-se, por isso, um título fraco, ou seja, faltaram subsídios que o tornasse mais atrativo. No desenvolvimento, verifica-se que sua estrutura é baseada na notícia, já que possui características do texto informativo como citações indiretas e narrações. Portanto, não

² Texto disponível em <http://jornalstandoufam.blogspot.in/2013/02/necessidade-de-restauranteuniversitario.html>.

aplicou corretamente os atributos do editorial, como define o jornalismo opinativo. O editorial é um gênero opinativo, logo há a necessidade de apresentar o ponto de vista do autor, sua opinião, sem ser maleável em suas palavras. Entretanto, o que é apresentado no texto em estudo são narrações do que está acontecendo em determinado lugar, ou seja, o autor fugiu totalmente ao propósito comunicativo do gênero editorial que é discutir e apresentar uma opinião sobre determinado assunto.

O fecho do editorial ficou solto, ou seja, não concluiu com ênfase, reforçando a tese que geralmente é posta na introdução, além da falta de objetividade. A conclusão poderia deixar uma reflexão para o leitor se aprofundar mais no assunto em questão. Faltou complementar a frase de conclusão, pois, no trecho, “*mas também beneficiará todos que trabalham no ICSEZ*”, ficou uma ideia solta, subentende-se que o aluno E2 continuaria a escrever mais um parágrafo.

Ponderando os elementos de textualização presentes no E2, o grau de informatividade está aceitável, porém repete várias vezes a mesma informação, que poderia ser acrescentado com outra. Já o nível da aceitabilidade, pode variar, uma vez que, cada leitor pode interpretar de maneira diferente o texto. Por se tratar de um assunto peculiar, ou seja, que trata de um fato de dentro de determinada universidade, o autor (a) utiliza argumentações próprias para a construção do texto, desta forma, o elemento da intertextualidade não está explícita no contexto. Em outras palavras o autor (a) não utiliza argumentos baseados em outros textos para sustentar suas informações.

Em relação à intencionalidade, percebe-se que o autor, por elencar questionamentos suficientes ao texto a ponto de situar o interlocutor e fazê-lo acreditar veementemente nas informações transmitidas, consegue trabalha-la e, assim, cumprir seu objetivo de informar o leitor. A situacionalidade, por sua vez, está adequada, uma vez que o leitor consegue compreender onde ocorre a situação. Apesar de em alguns momentos o texto apresentar repetições em algumas frases, o E2 está coerente. Antunes (2009) lembra que a coerência não necessariamente se prende às determinações gramaticais da língua, ou seja, um texto coerente nem sempre precisa estar carregado de palavras enigmáticas para persuadir o interlocutor.

Em relação ao que se refere à linguagem jornalística, o texto apresenta os seguintes problemas:

No 2º e 5º parágrafos, são repetidas duas vezes as mesmas ideias, “*o projeto já está em execução e passou por processo de licitação*”, “*o projeto está em andamento. Passando pelo processo de licitação*”. Ainda no segundo parágrafo a palavra “*universidades*” aparece duas vezes, sendo que ambas estão muito próximas, em frases curtas é desnecessário esse tipo de

repetição. Nas duas observações, verificam-se redundâncias no mesmo parágrafo, vício de linguagem que deve ser evitado, pois causa ao leitor a impressão de um texto sem argumento. Não deve haver redundâncias nos parágrafos, pois, dessa forma, ao invés de tornar o texto agradável, trazendo sempre o “novo”, acaba tornando-o prolixo.

Nos parágrafos seguintes, observa-se que as frases “*para atender as necessidades dos que fazem uso da instituição*”, “*Atenderá as necessidades dos acadêmicos*” têm o mesmo significado, porém apenas trocaram o verbo *atender* por *atenderá*. A ideia que deveria estar em apenas uma frase, ficou dividida em duas, quebrando o texto, tornando-o redundante e cansativo ao público. Nota-se que a cada parágrafo do editorial, permanece a falta de coerência na sua construção. O autor não soube organizar as ideias de forma objetiva. Faltou ser vigoroso e incisivo, como define Gradim (2000). Além de que, em textos jornalísticos, devem-se evitar verbos no tempo futuro, e preferir verbos no presente do indicativo. Por ser um editorial que está abordando um tema que ainda vai acontecer, o autor utiliza em alguns momentos esses verbos, como: *atenderá*, *funcionará*, *beneficiará* e *poderá*. Empregando esses verbos nas frases, transmite para o leitor uma insegurança, pois aparenta ser um fato que possivelmente vai acontecer. A autora Gradim (2000) destaca que os verbos devem ser empregados preferencialmente no presente do indicativo, ainda que esteja num futuro próximo.

No parágrafo “***Com tudo***, esse recurso já deveria estar desde o ***princípio***, ***inserido*** no projeto de construção do prédio da Universidade”, há dois problemas: um relacionado à ortografia e outro relacionado à pontuação. A palavra “*Com tudo*”, que exprime o sentido de oposição, deveria ser escrita assim “*contudo*”. Há uso inapropriado da vírgula entre as palavras “*princípio*” e “*inserido*”. Ao colocar uma vírgula neste trecho da frase, gera incoerência e a clareza da argumentação fica comprometida.

A falta de acentuação está presente na palavra “*benefício*”, localizada no 7º parágrafo. Bem como a sigla do instituto, “*ICSEZ*” aparece cinco vezes entre parênteses no corpo do texto fora dos padrões de escrita de sigla. Na linguagem jornalística, a sigla é explicada na primeira vez em que aparece no texto, depois ela deve aparecer.

Em suma, o editorial não conseguiu passar para o leitor a objetividade do assunto tratado, faltou o elemento mais forte do gênero: a argumentação. Pois, segundo Cereja e Magalhães (2005), os argumentos têm função primordial para convencer as pessoas.

Quadro 6 - Editorial 3

Prostituição infantil, uma forma de sobrevivência

Quando falamos em prostituição infantil somos levados automaticamente a falar em Família. Pois na maioria dos casos, as meninas entram nessa vida por viverem em um sistema familiar desestruturado, tanto psicologicamente quanto financeiramente.

A criança conhece esse ambiente por influencia de conhecidos ou amigos e acaba se aventurando neste ato da venda do seu próprio corpo. E acha ali, um meio fácil de obter recursos financeiros e ter uma vida ilusória de luxo e conforto.

Esta ilusão é mantida por pessoas que tem um capital alto que incentivam essas garotas dando dinheiro, presentes, passeios, entre outras mordomias sonhadas por qualquer pessoa. O mundo capitalista influencia as jovens, no ato do consumismo para ostentar um alto padrão de vida.

Muitas vezes, a prostituição abre portas para outros caminhos prejudiciais para esses menores, exemplo disso, é o envolvimento com o mundo das drogas. Existem clientes usuários de drogas, que obrigam as vítimas de prostituição, experimentarem entorpecentes.

Quando as prostitutas atingem um estado financeiro melhor e começam a se sentir mais a vontade com sua vida, a busca por novos meios de se satisfazer como consumistas é eminente. Elas encontram nas drogas essa nova forma de se satisfazer e até mesmo de se sentirem incluídas nesta vida.

Ao mesmo tempo em que existem moças que fazem programas por dinheiro, encontramos também as que procuram este cenário por prazer, as chamadas ninfomaníacas. Procurando em inúmeras pessoas um modo novo de satisfazer seus desejos sexuais.

Segundo o psicólogo, André Acauan Reis, as jovens começam com esta vida de comercialização do seu corpo a partir de 12 anos aproximadamente. Em alguns casos, os pais forçam suas filhas a se envolverem com gente da alta sociedade para no futuro as subornarem. Exigem dinheiro ou outros bens materiais em troca do silêncio.

Outro tipo de prostituição infantil, e que é considerado bem mais grave, é o tráfico de menores. Os chamados “agenciadores” convencem os pais com propostas mentirosas de uma vida melhor para os filhos e os levam para lugares onde servirão de objetos

FONTE - <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br>.

Ao longo do editorial intitulado “*Prostituição infantil, uma forma de sobrevivência*”³, percebe-se no seu desenvolvimento argumentos que enriquecem o texto. Ao fazer a leitura, o leitor consegue compreender o que o tema aborda. Entretanto, o editorial não está na composição adequada. A observar:

A introdução começa impactante e atraente, contudo, no decorrer do texto faltam pesquisas, fontes que comprovem e fortaleçam a argumentação. A cada parágrafo o autor (a) do texto E3 apresenta novas histórias do mundo da prostituição, que é o tema relacionado.

³ Texto disponível em <http://jornalstandoufam.blogspot.in/2013/02/prostituicao-infantil-uma-formade.html>.

Porém, ele apenas proporciona o que a maioria do público leitor já sabe, como por exemplo, no 2º parágrafo em que diz:

A criança conhece esse ambiente por influência de conhecidos ou amigos e acaba se aventurando neste ato da venda do seu próprio corpo. E acha ali, um meio fácil de obter recursos financeiros e ter uma vida ilusória de luxo e conforto (E1, 2013).

Este é um dos trechos do editorial que poderia ser explorado apresentando estudos que confirmasse a tese de quanto essas crianças acham fácil esse trabalho. Pois, o autor (a) não usa esses artifícios no texto, apenas expõe de maneira artificial que esse caso está crescendo. Fazendo o uso de fontes proporcionaria uma compreensão e alertaria o leitor em como fazer para melhorar esse quadro no país.

Com argumentações fortes, o editorial conseguiria atingir um público maior e consequentemente mais opiniões a respeito do assunto seriam formadas. Marchesani (2008) destaca que a função do editorialista é se posicionar diante de fatos polêmicos ou noticiosos, manifestando seu apoio ou rejeição através da sua maior estratégia, a argumentação. Ainda segundo a autora, o autor do texto ao escrever, deve levar em consideração o consumidor do jornal, construir o editorial a partir da imagem do leitor, para assim existir uma melhor interação entre quem escreve e quem lê.

Ao ler o fecho do texto do aluno (a) E3, subentende-se que vai iniciar novamente o assunto. O parágrafo final deixou escapar o assunto principal. Poderia ter usado outros recursos como deixar uma pergunta reflexiva ou trazer outros argumentos que enriquecessem o texto. Porém, não usou a criatividade, finalizando de forma fraca, sem reforçar a tese por ele defendida.

Considerando os elementos de textualização, verifica-se que faltou informatividade, ou seja, priorizou-se em contar no geral o tema abordado e não se atentou para informações novas que sustentassem a tese principal. A autora Irandé Antunes (2009) ressalta que o grau de informatividade é avaliado na dimensão das novidades de conteúdo em que são apresentadas, ou seja, quanto mais novidade na informação, maior será a informatividade. Para o leitor compreender o assunto e ser um participante ativo, formador de opinião, faz-se necessário utilizar sempre que possível informações que construam esse pensamento na vida da população.

O tema prostituição infantil é um assunto que está sempre sendo pautado nos meios de comunicação. Dessa forma, é importante utilizar o elemento da intertextualidade num texto

dessa amplitude. Com base em outros textos, o jornalista expande seu poder de argumentação e aumenta sua percepção textual ou, como pondera Antunes (2009), ao explicar que a recepção do interlocutor se dá devido ao conhecimento prévio de outros textos postos em circulação. Apesar disso, o E3 utilizou apenas uma fonte para elencar o contexto. Por esse motivo, o nível de intertextualidade é considerado baixo. Já a intencionalidade está apropriada por deixar claro seu objetivo em relação ao tema abordado. A aceitabilidade que está relacionada à aceitação pelo interlocutor de que aquele gênero cumpre sua função social não está em conformidade com o que se espera deste tipo de gênero textual. Espera-se que uma o predomínio da tipologia textual argumentativa e não o predomínio da tipologia narrativa. A situacionalidade está relacionada ao meio de circulação do gênero, envolve a capacidade de produzir textos de acordo adequando-se ao suporte de veiculação. Este editorial em estudo circula na web, logo deveria estar mais adequado as característica desse gênero midiático. No que tange à coesão e coerência, o E3 está apropriado à interpretação, ou seja, consegue-se absorver a ideia do tema, porém, “é preciso, antes de tudo, saber estabelecer relações, fazer ligações entre diferentes unidades – indo e voltando” (ANTUNES, 2005, p. 49).

Em relação à linguagem jornalística do aluno (a) E3, observou-se os seguintes problemas: Como podemos destacar no 1º parágrafo, no segundo período da frase, a palavra “*Pois*” deve ser acompanhada por uma pausa breve, pois está concluindo uma afirmação com outra. Fazendo o uso da pontuação apropriada, facilita a compreensão do leitor.

No mesmo parágrafo, há colisão na frase “*entram nessa vida por viverem*”, vício de linguagem que não é recomendado na língua portuguesa, pois soam de forma desarmoniosa entre as palavras, proporcionando um desconforto na leitura.

No 2º parágrafo, a palavra “*influencia*” está no verbo inadequado. Na língua portuguesa as palavras influência e influencia estão corretas. Entretanto, deve-se atentar para quando elas devem aparecer. Nesse caso, a oração da frase indica que é por influência de alguém que estão em tal situação, portanto, deve ser acentuada.

No 3º parágrafo, o primeiro período da frase apresenta a palavra “*que*” duas vezes muito próximas. No texto jornalístico, deve-se evitar ao máximo o chamado, queísmo. O queísmo é o vício de utilizar o conectivo “que” em excesso. Para tanto, o jornalista deve conhecer palavras de mesmo sentido, assim não tornará o texto chato e cansativo.

No 5º parágrafo, observe:

Quando as prostitutas atingem um estado financeiro melhor e começam a se sentir mais a vontade com sua vida, a busca por novos meios **de se** satisfazer

como consumistas é eminente. Elas encontram nas drogas essa nova forma **de se** satisfazer e até mesmo **de se** sentirem incluídas nessa vida (E3, 2013).

O que acontece neste parágrafo são repetições inadequadas da preposição “*de*” seguida do conectivo “*se*”. Gerando uma leitura redundante, fraca em palavras de ligação. Segundo Squarise e Salvador (2005), o autor de qualquer texto precisa de atenção e paciência para buscar o vocabulário apropriado dentro do contexto. Além disso, os autores enfatizam a importância de consultar dicionários, pesquisar textos especializados de profissionais da área, pois segundo eles, trazem uma carga maior na hora de construir o texto.

Quadro 7 - Notícia 1

AUMENTO NO PREÇO DA FARINHA DE MANDIOCA

A Farinha de mandioca teve um aumento de 100% anos últimos três meses em Parintins

A farinha de mandioca foi o item da alimentação básica do parintinense, recordista no aumento do preço num período de três meses como afirma o secretário de produção e abastecimento do município, Amarildo Leal. A falta de incentivo e investimentos no setor agrícola, principalmente no plantio da mandioca, são considerados os principais motivos para a subida do preço da farinha.

A falta de apoio do município aos produtores rurais fez com que o frasco da farinha, equivalente a 1 kg e 300g, fosse vendido por feirantes e comerciantes nos valores que variam de R\$ 7,00 a R\$ 8,00, chegando a ser comercializado, em alguns quiosques, no valor de R\$ 10,00.

“O produtor não quer mais plantar, o custo e o transporte são difíceis e a falta de incentivo piorou a situação”, afirma o feirante Glaucemir Rosas, 37, que trabalha há 18 anos na feira do produtor. Ele acrescenta ainda, que 50% da farinha consumida pelo parintinense, vem do estado do Pará e o feirante chega a pagar entre R\$ 230,00 a R\$ 260,00 pela saca da farinha, a qual tinha valor estimado em R\$ 140,00 até outubro do ano passado.

Balanço

Os preços praticados no comércio local mostram que o frasco da farinha, até o final de outubro de 2012, valia R\$ 4,00, fechando o ano em média de R\$ 5,00. Em novembro de 2012, foi vendida a R\$ 6,00, chegando a R\$ 8,00 no fim do ano. Em janeiro de 2013 custou, em média, R\$ 9,00, e passou a atingir o preço de até R\$ 10,00, variando de valor entre os vários estabelecimentos comerciais que vendem o produto.

FONTE - <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br>

Ao fazer o levantamento das características que compõem o texto informativo, verifica-se que a notícia intitulada “*AUMENTO NO PREÇO DA FARINHA DE MANDIOCA*”⁴ começa com título todo em letra maiúscula, aspecto não recomendado pelos manuais da área de jornalismo a respeito do uso da linguagem jornalística. A forma

⁴ Texto disponível em: <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br/2013/02/aumento-no-preco-da-farinha-de-mandioca.html>.

apropriada é sempre estar em caixa baixa, em outras palavras, somente a primeira letra em maiúscula e o restante em minúsculas. Além dessa observação, percebe-se que faltou pensar mais no enunciado formador do título, ou seja, fazê-lo mais atraente e compreensível para o leitor, pois, no texto impresso ou da web, não há apresentador explicando cada detalhe do fato, mas sim, palavras e fotografias, por isso há a necessidade em obter clareza. A compreensão do título é afetada porque ele não sintetiza o fato mais importante tratado na notícia: falta de investimento no setor agrícola. O título é a primeira etapa para a leitura total da notícia, é ele quem convida o leitor a aprofundar-se no texto. Logo, precisa estar coerente com o assunto mais importante destacado na notícia.

A proposta da N1 poderia relacionar o porquê desse aumento, dessa forma, por exemplo, o título poderia construir-se assim: Falta de investimentos no setor agrícola faz subir o preço da farinha. Nessa opção, o título está mais explicativo que o anterior, proporcionando prever o que vem a seguir no corpo da notícia. Os autores Squarisi e Salvador (2005, p. 27) explicam que o jornalista deve buscar as sentenças certas, pois, “dizer o que não é em geral soa hesitante, impreciso. Pode sugerir malandragem, tentativa de fugir do compromisso de afirmar”.

Abaixo do título está presente o *sutiã* da notícia empregado no local correto, entretanto, a palavra “anos” faz a frase ficar incoerente, houve problemas quanto à digitação da citada palavra, possivelmente o produtor da notícia tinha a intenção de escrever “nos”, mas terminou digitando um “a” que unido a “nos” criou a palavra “anos”, responsável por uma pausa brusca na leitura do texto, ficando o leitor a procurar palavra que complementem o sentido da frase e/ou deem sentido a palavra “anos”. Vale ressaltar que é natural haver esse tipo de problema quando se escreve uma notícia, devido, muitas vezes, a urgência que se faz para publicação de matérias, mas deve haver uma criteriosa revisão das matérias para problemas dessa natureza não chegar ao consumidor final da notícia, ou seja, ao leitor.

O lide foi elaborado de maneira compreensível, respondendo as principais perguntas (O quê? Quem? Onde? Por quê?), no decorrer do texto aparecem o restante (Quando? Como?), sem apresentar prolixidade. Em outras palavras, trouxe atualidade ao fato relatado, convence seu leitor que a informação é verídica, ou seja, entende-se a característica de o jornal informar sobre o que é actual, presente, momentâneo, novo, como afirma Fidalgo (2004 *apud* Correia 2011, p. 33). As fontes elencadas na notícia fortalecem o argumento do repórter, em outras palavras, fornece a veracidade e a credibilidade dos fatos.

O sublide que é o texto complementar ao lide, ou seja, as informações seguintes da notícia são apresentadas em períodos e parágrafos curtos, proporcionando uma boa leitura. Ao

empregar frases curtas na notícia possibilita duas vantagens ao leitor. Uma, é a diminuição de erros ortográficos e a outra permite mais qualidade de estilo, assim ponderam os autores Squarisi e Salvador (2005).

A notícia também está no formato da pirâmide invertida, que, segundo o autor Alves Filho (2011), disponibiliza ao leitor identificar o que de relevante traz a informação. Porém, alguns elementos como, pontuação, acentuação e textualização não foram usados de forma adequada, conforme se verifica a seguir.

Para uma compreensão rápida do texto, as frases precisam estar coesas e objetivas aos olhos do leitor. Diante disso, não basta apenas preencher o texto de informação e simplesmente deixar que o público consiga decifrar o que está escrito. O repórter, antes de tudo precisa corrigir seu texto, ou seja, revisá-lo antes de publicá-lo.

No primeiro parágrafo, na frase que inicia o lide “*A farinha de mandioca foi o item da alimentação básica do parintinense*”, o verbo *ser* está no passado **foi**, maneira inapropriada para texto de notícia. Este gênero exige atualidade nas informações, por isso é aconselhável usar sempre verbos no presente do indicativo, por mais que o fato já tenha ocorrido, o repórter precisa respeitar essa característica do gênero notícia para não deixar o texto como se fosse do dia anterior. A autora Patrícia Nascimento (2009) ressalta que atualidade e ineditismo são os principais fatores para o trabalho do repórter, que precisa estar atento ao que é realmente relevante para determinado acontecimento.

Há cinco momentos durante a N1 em que as vírgulas estão a juntar as palavras, ou seja, não há espaço após a sentença, desrespeitando as regras da linguagem jornalística e da ortografia. Observe:

Figura 1 - Notícia 1

A farinha de mandioca foi o item da alimentação básica do parintinense, recordista no aumento do preço num período de três meses como afirma o secretário de produção e abastecimento do município, Amarildo Leal. A falta de incentivo e investimentos no setor agrícola, principalmente no plantio da mandioca, são considerados os principais motivos para a subida do preço da farinha.

A falta de apoio do município aos produtores rurais fez com que o frasco da farinha, equivalente a 1 kg e 300g, fosse vendido por feirantes e comerciantes nos valores que variam de R\$ 7,00 a R\$ 8,00, chegando a ser comercializado, em alguns pontos, no valor de R\$ 10,00.

“O produtor não quer mais plantar, o custo e o transporte são difíceis e a falta de incentivo piorou a situação”, afirma o feirante Glaucemir Rosas, 37, que trabalha há 18 anos na feira do produtor. Ele acrescenta ainda, que 50% da farinha consumida pelo parintinense, vem do estado do Pará e o feirante chega a pagar entre R\$ 230,00 a R\$ 260,00 pela saca da farinha, a qual tinha valor estimado em R\$ 140,00 até outubro do ano passado.

Balanco

Os preços praticados no comércio local mostram que o frasco da farinha, até o final de outubro de 2012, valia R\$ 4,00, fechando o ano em média de R\$ 5,00. Em novembro de 2012, foi vendida a R\$ 6,00, chegando a R\$ 8,00 no fim do ano. Em janeiro de 2013 custou, em média, R\$ 9,00, e passou a atingir o preço de até R\$ 10,00, variando de valor entre os vários estabelecimentos comerciais que vendem o produto.

FONTE - <http://jornalistandoufam.blogspot.com.br>.

O autor (a) da N1 preferiu deixar separada a informação final, o que é uma opção do repórter dividi-las em retrancas, no entanto, não é muito recomendado, até porque a retranca é mais utilizada na reportagem, pois sua amplitude precisa de melhor compreensão nos relatos. A notícia deve ser curta, porém deixar seu público informado, sem quebrar a harmonia do texto.

No que tange aos elementos de textualização para a construção da notícia, a N1 faltou ser mais objetiva nos relatos, deve-se atentar ao presente e não ao passado. Ao ler percebe-se que entre o 1º e 2º parágrafos duas palavras idênticas estão próximas: **a falta de incentivo e a falta de apoio**, causando incoerência e redundância. O grau de situacionalidade é aceitável, pois, dada a situação específica, o autor conseguiu passar para o leitor onde se trata e o que é aquela situação, ou seja, a interação que existe entre leitor e autor é recíproca. Já seu grau de informatividade pode ser considerado médio. A N1 apenas falhou na coleta de fontes, isto é, não explorou um maior número de pessoas que pudessem enriquecer o relato. Até porque é necessário pontos de vistas diferentes sobre um mesmo fato para equilibrar a notícia e possibilitar ao leitor a veracidade dos fatos. Como no início do lide o autor usou verbo ser no passado, fazendo perder a informação seu caráter atual, rompeu com a tipologia textual aceitabilidade, pois o leitor não se sentirá atraído para ler a informação e/ou questionará sua validade. Outro elemento de textualização presente na notícia é a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros, a qual se faz pela entrada de falas de entrevistados no texto

em estudo. O autor (a) da N1 inseriu as falas de forma apropriada como orientam os livros e manuais de redação, fortalecendo assim o critério intertextualidade. Utilizou fontes na notícia para transmitir objetividade ao leitor, ou seja, para não cometer o “erro” de expressar sua opinião ou imparcialidade, usou a estratégia primordial dos jornais, a opinião do entrevistado.

Em resumo, no que corresponde a estrutura da notícia, pode-se dizer que a N1 está bem elaborada, conseguiu informar que houve aumento no preço da farinha ao repassar o balanço de preços dos últimos meses e alertou o público sobre o porquê desse aumento, ou seja, no que corresponde a informatividade, conseguiu atingir seu objetivo.

Quadro 8 - Notícia 2

UFAM REALIZA III SEMANA DE ARTES VISUAIS

Evento promove oficinas, palestras e exposição

A III Semana de Artes Visuais da Ufam campus Parintins está prevista para o período de 8 a 12 de dezembro de 2014. O evento promove oficinas de serigrafia (imagens e letreiros sobre superfícies de papel, pano, vidro e metal), maquiagem artística, poéticas visuais, entre outras. Além disso, palestras serão realizadas por profissionais dos estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo a Presidente do Centro Acadêmico de Artes Visuais, Sandra Vasconcelos, o objetivo da Semana é a extensão das Artes à comunidade. “O objetivo da Semana é estender os conhecimentos científicos ligados às Artes à comunidade, fomentar e incentivar a produção acadêmica”.

A III Semana de Artes Visuais está em processo de preparação. Para arrecadar recursos, os acadêmicos do curso, por iniciativa própria, realizam eventos como o Xoxarte (show de humor) e o Festival de Artes, que contam com a participação de discentes de outros cursos.

Acadêmicos do curso de Artes Visuais da Ufam campus Parintins realizam III Semana de Artes Visuais prevista para acontecer nos dias 8 a 12 de dezembro de 2014. O objetivo é ampliar o conhecimento científico ligado as Artes e visa também incentivar a produção acadêmica. A Semana oferece oficinas como serigrafia, maquiagem artística, poéticas visuais, entre outras, ao todo são 12 oficinas, além de palestras realizadas por profissionais dos estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

FONTE - <https://icsezdigital.wordpress.com>.

Considerando as características da notícia intitulada “*Ufam realiza III semana de artes visuais*”⁵, verifica-se que o enunciado é apresentado com todas as letras maiúsculas, forma incorreta de escrever o título jornalístico. Os manuais orientam a escrever apenas a primeira letra em maiúsculas e as demais em minúsculas. Abaixo está o subtítulo, que tem o dever de

⁵ Texto disponível em: <https://icsezdigital.wordpress.com/introducao-aos-generos-jornalisticos/ufam-realiza-iii-semana-de-artes-visuais/>.

acrescentar informações sobre o que vem no decorrer da notícia, e, nesse caso, o autor conseguiu usar a criatividade e proporcionar mais informação ao leitor.

O primeiro parágrafo que corresponde ao lide é visível verificar que quatro perguntas são respondidas (Quem? O quê? Onde? Quando?), as demais (por quê? Como?) aparecem no sublide e no decorrer da N2. Essa forma de construir o lide fica a critério do repórter, porém, se o jornal quer chamar o leitor a aprofundar-se mais à matéria, necessariamente é preferível deixar claro o objetivo do evento logo no início da matéria. Lides muito densos atrapalham a compreensão e desencorajam a leitura, assim pondera Gradim (2000). Construindo-se o texto da forma citada, certamente o público fica mais curioso em saber qual será a programação do evento, motivando-se, possivelmente, a participar das atividades a serem realizada na III Semana de Artes Visuais. É importante notar que, neste caso, ao mesmo tempo em que a notícia informar, persuade o leitor, uma vez que a divulgação do evento é para atrair público às suas atividades.

No que tange as características da linguagem jornalística e da língua portuguesa presentes na N2, percebe-se alguns desvios cometidos pelo autor do texto em estudo. No primeiro parágrafo, a oração “*A III Semana de Artes Visuais da Ufam campus Parintins está prevista para o período de 8 a 12 de dezembro de 2014*”, foi escrita sem pausa, não fazendo uso de vírgulas, que deveriam estar antes e depois das palavras “campus Parintins”. A mesma situação é repetida no último parágrafo da N2, em que a mesma informação é repetida.

A N2 não fez uso satisfatório dos elementos essenciais para a construção da notícia. Faltou utilizar mais fontes, pois há apenas uma em toda a notícia. Isso enfraquece a veracidade da informação, gerando dúvidas na cabeça do leitor. Gradim (2000) ressalta que a seleção e o acesso às fontes de informação são de importância fundamental para qualquer publicação e ainda explica que é o jornalista quem tem o poder de aquilatar quem é relevante para compor a notícia.

Outra questão a ser questionada é o fato da notícia não estar na estrutura clássica da pirâmide invertida. Percebe-se que o autor (a) atrapalhou-se ao definir a ordem de entrada de cada informação. Repetindo duas vezes, no 1º e 4º parágrafos a mesma informação sobre o evento.

Já se questionou muito sobre a forma de iniciar uma notícia usando a pirâmide invertida, porém o autor João Carlos Correia (2005) lembra que apesar da resistência de muitos jornalistas, o formato impera nas redações. Portanto, faz-se necessário empregar corretamente o “resumo” do acontecimento. Neste caso a ordem da pirâmide seria apresentar

em primeiro lugar a informação principal para, em seguida, apresentar dados adicionais a respeito do fato, assim ressalta Nascimento (2009).

Segundo os manuais de redação, a introdução que vem antes da fala do entrevistado não deve ser a mesma destacada no texto. Porém, no 2º parágrafo, o autor (a) da N2 (2014) contrariou estas orientações, observe:

Segundo a Presidente do Centro Acadêmico de Artes Visuais, Sandra Vasconcelos, o objetivo da Semana é a extensão das Artes à comunidade. “O objetivo da Semana é estender os conhecimentos científicos ligados às Artes à comunidade...”

Diante disso a intertextualidade não se deu de forma satisfatória, somando na construção do texto noticioso.

Nos demais parágrafos também há redundância. Veja:

1º parágrafo: Além disso, palestras serão realizadas por profissionais dos estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

4º parágrafo: ...além de palestras realizadas por profissionais dos estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

A falta de coerência e coesão está presente em toda a notícia, faz-se presente em cada parágrafo, é nítida a repetição das informações e perceptível o fato de o autor ter se desviado do que realmente devia abordar: divulgar a Semana acadêmica de Artes Visuais. Repetiu várias vezes as mesmas palavras, ou seja, a forma que a N2 foi desenvolvida gera redundância nas frases. A informação que deveria estar em apenas um parágrafo, foi dividida nos demais. Como por exemplo, entre as orações do 2º e 4º parágrafos, ambas são idênticas:

2º O objetivo da Semana é estender os conhecimentos científicos ligados às Artes à comunidade, fomentar e incentivar a produção acadêmica.

4º O objetivo é ampliar o conhecimento científico ligado as Artes e visa também incentivar a produção acadêmica.

A N2 esquece-se de trabalhar a tipologia situacionalidade, noticia um evento que já teve edições passadas, todavia não traz para o texto informações das outras edições de forma a situar a informação e o leitor na historicidade do fato. Em textos jornalísticos é sempre ponderável lembrar algo que ficou marcado no acontecimento anterior. Assim sendo, para alcançar seu objetivo de informar o cidadão, o autor da N2 poderia ter optado por acrescentar à notícia atual, um comparativo ou apenas como informação complementar da nova notícia

algum ponto importante do acontecimento anterior. Isto é, oferecer ao público algum critério de noticiabilidade ou (valor-notícia). O autor Nelson Traquina (2005, p. 81) afirma que o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira e pela última vez, ou seja, é sempre conveniente lembrar o que já foi publicado, pois desta forma, alcança maior número de leitores.

O campo jornalístico exige do repórter habilidades na escrita, portanto, é dessa forma que os elementos de textualização influenciam para a construção de um texto conciso, por isso se faz extremamente necessário ao escrever uma notícia verificar a informatividade, pois é um elemento de textualização fundamental neste tipo de gênero jornalístico.

Em suma, a N2 buscou informar seus leitores de maneira satisfatória, porém não conseguiu deixar clara, concisa e breve a sua informação. Prolongou em quatro parágrafos o que poderia ser esclarecido em dois.

Quadro 9 - Notícia 3

Acadêmicos de Artes Visuais da Ufam promovem Show de Humor

O evento Xoxarte promete “xoxar” a Sociedade Parintinense

O evento Xoxarte, criado pelos acadêmicos de artes visuais, ocorrerá no clube Caprichoso às 20h no dia 14 de novembro. O show será gratuito, trazendo atrações locais: Dj Alemão, Ken Pablo, *Bajara das loucas*, Rudela e Bucudão.

A grande atração do espetáculo será o boizinho criado pelos acadêmicos, abordando questões sociais. “O boi Utopia critica e satiriza os problemas que os cidadãos da ilha Tupinabarana vivenciam como: racionamento de energia, lixeira, telefonia móvel, infraestrutura, segurança pública, entre outros”, disse a presidente do centro acadêmico Sandra Vasconcelos.

A festa tem como objetivo angariar recursos para o festival de artes e revelar novos talentos do humor, além de ser visto pelos organizadores como uma oportunidade de falar, questionar e incitar a sociedade Parintinense, para que reflitam sobre os problemas aqui existentes.

Xoxarte é a unificação das palavras “*xoxar*” e “arte”. O nome escolhido, segundo Sandra, aborda o “palavriado” regional, pois os discentes percebem que há preconceito com o repertório linguístico do município.

FONTE - <https://icsezdigital.wordpress.com>.

Considerando a estrutura da notícia “*Acadêmicos de Artes Visuais da Ufam promovem show de humor*”⁶, verifica-se que ela traz um subtítulo que não acrescenta informações complementares ao título, forma inapropriada de oferecer suporte à notícia. Subtítulos

⁶ Texto disponível em: <https://icsezdigital.wordpress.com/introducao-aos-generos-jornalisticos/academicos-de-artes-visuais-da-ufam-promovem-show-de-humor/>.

precisam proporcionar ao leitor informações que ficaram menos claras, ou seja, acrescentar algo que o título não pode oferecer.

O autor Mário Erbolato (2008) oferece dicas em como construir títulos e subtítulos e, uma delas explica que eles devem ser suficientemente explícitos para serem entendidos e, ao mesmo tempo, misteriosos para não dizerem tudo ao leitor, uma forma de convidá-lo a ler o texto até ao final. Portanto, é necessário que haja ritmo e harmonia entre os dois. Exemplo:

Figura 2 - Título e Subtítulo



FONTE – Jornal acritica.uol.com.br/amazonia.

Podemos observar que, no exemplo acima, os elementos estão interligados, isto é, formam uma comunicação harmônica. Já na N3, a frase não condiz com as características do gênero.

O lide traz os elementos (Quem? O Quê? e Quando?), porém não foi bem argumentado. O autor (a) respondeu as três perguntas inicialmente, contudo, não arrumou o parágrafo com clareza, deixou uma das informações principais para o 3º parágrafo e a informação que poderia vir no 3º veio no 1º parágrafo, ou seja, inverteu as ideias, que ocasionaram um lide fraco. Gradim (2005) frisa que quando o lide é bem construído envolve o leitor ir até o final. A forma mais apropriada na N3 (2014) poderia ser:

O evento Xoxarte, criado pelos acadêmicos de artes visuais, ocorrerá no clube Caprichoso às 20h no dia 14 de novembro. A festa tem como objetivo angariar recursos para o festival de artes e revelar novos talentos do humor, além de ser visto pelos organizadores como uma oportunidade de falar, questionar e incitar a sociedade Parintinense, para que reflitam sobre os problemas aqui existentes.

O lide acima é apenas um exemplo de como poderia ser mais claro aos olhos do leitor, não foram mudadas as palavras do autor (a), mas sim, a ordem das orações. Arrumando-as dessa forma, proporciona sintonia e relação entre as ideias, além de destacar o porquê deste evento para a sociedade. O sublide da N3 responde, nos parágrafos, seguintes às demais perguntas do lide (Por quê? e Como?).

Verificou-se que alguns verbos de ligação utilizados na N3 estão no tempo verbal futuro do presente (**ocorrerá, será, trazendo abordando**), sendo que a forma aceitável é que se esteja na voz ativa ou no presente do indicativo (**ocorre, é, traz, aborda**). De acordo com os autores Squarisi e Salvador (2005, p. 33), “dá a impressão de que o autor, sem assumir a autoria, transfere a responsabilidade de declarar para o agente da passiva”.

A N3 apresenta apenas uma fonte oficial como parte da apuração. O que enfraquece ou perde em parte a sua verossimilhança, pois, segundo a autora Patrícia Nascimento (2009), o texto é verossímil quando há argumentações e provas suficientes na organização dos fatos. Assim sendo, na notícia, é de suma importância pesquisar e ouvir um número acessível de pessoas, pois elas são determinantes para proporcionar credibilidade à informação veiculada e, dessa forma, se fará uso adequado da intertextualidade.

Na frase “*O show será gratuito, trazendo atrações locais: Dj Alemão, Ken Pablo, Bajara das loucas, Rudela e Bucudão*”, faltou acrescentar a palavra de ligação, **como**, depois da palavra **locais**. Assim, a notícia ganha mais êxito na sua produção.

A palavra **crítica** no segundo parágrafo está sem acentuação, assim como, **presidente** está escrita juntamente com o artigo **a**. Há ainda falta de pontuação entre as palavras **acadêmico** e **Sandra**.

Considerando os elementos de textualização, percebe-se a falta de concisão dentro da N3, ou seja, não houve equilíbrio em alguns momentos nos parágrafos e períodos. Ao fazer a leitura, nota-se que as informações estão desordenadas e sem coerência, como por exemplo, no 1º parágrafo (lide), o segundo período da frase não está coerente com a primeira informação, há uma quebra nesse momento. Veja: *O evento Xoxarte, criado pelos acadêmicos de artes visuais, ocorrerá no clube Caprichoso às 20h no dia 14 de novembro. **O show será gratuito, trazendo atrações locais: Dj Alemão, Ken Pablo, Bajara das loucas, Rudela e Bucudão.*** O autor (a) poderia ter optado por acrescentar esses dados em outro momento na qual fosse mais conveniente para o leitor.

Notou-se também que o grau de informatividade está admissível, porém, no que se refere à aceitabilidade, pode variar, pois, nela, os leitores podem compreender de maneiras diferentes o fato descrito na N3. Já o grau de intencionalidade não foi bem sucedida, uma vez

que, o autor não soube organizar as informações de forma coerente. Para Simon (2008), o texto produzido deverá ser compatível com as intenções comunicativas de quem o produz, pois, dessa forma atinge, convence e pressiona o leitor a compartilhar opiniões. A intertextualidade se faz presente na notícia, uma vez que o aluno (a) se apoia em outros textos ou livros, trazendo para sua produção vozes de outros sujeitos para compor seu gênero jornalístico. No que se refere à situacionalidade, que tem como objetivo situar o interlocutor do assunto, pode-se afirmar que está situando somente o interlocutor que conhecer o contexto da universidade, o leitor de fora da área de conhecimento do tema possivelmente encontrará dificuldade para situar os fatos narrados.

Em síntese, a N3 deixou de acrescentar as características essenciais do texto informativo, credibilidade, verossimilhança, voz ativa, entre outros. Entretanto, apesar desse déficit na abordagem, trouxe um assunto relevante para o público específico citado, elencou o objetivo do evento e trouxe à tona vieses de interesse público.

5. Análise e discussão da Entrevista Pingue-Pongue 1

Segundo as autoras Squarisi e Salvador (2005), a entrevista pingue-pongue é um dos gêneros mais difíceis de escrever. Alertam que se engana quem pensa que é só ligar o gravador e fazer perguntas. Vejamos por que as autoras assim avaliam.

Considerando os elementos da linguagem jornalística, a “*Entrevista ping-pong com Naldo Rodrigues*”⁷ apresenta o texto introdutório de acordo com que orientam os Manuais de jornalismo, o qual deve ser produzido, segundo Nascimento (2009), de forma que o leitor consiga acompanhar o que virá a seguir. O texto da entrevista não apresenta título e nem legenda na foto do entrevistado, ou seja, faltou organizar a estrutura da entrevista em estudo. A autora Nívea Silva (2009) pondera que a entrevista deve apresentar organização textual, isto é, diz respeito aos elementos textuais que compõem o gênero entrevista pingue-pongue, como título, subtítulo, introdução, sequência de perguntas e de respostas, fotografia etc.

As perguntas da EP1 estão simples e de bom entendimento, assim como devem ser apresentados os textos jornalísticos, contudo, em alguns momentos deixou de fornecer algumas características da entrevista pingue-pongue, como por exemplo, a resposta da primeira pergunta poderia ter sido mais explorada com outro questionamento de interesse

⁷ Texto disponível em: <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br/2013/03/entrevista-ping-pong-com-naldo-rodrigues.html>.

público, no entanto, o autor pulou para outra questão, deixando um vazio entre a abordagem. Observe:

Pergunta 1: Evalza Pantoja: O que é ser um colunista social pra você?

Resposta 1: Naldo Rodrigues: Ser colunista social para mim é algo que causa muito prazer e alegria. Mas eu sei da responsabilidade que essa função me traz.

Mesmo que o repórter paneje a pauta antes de ir a campo, ele pode abrir espaço para investidas ousadas, pois boas perguntas estão inseridas nas próprias respostas, assim ponderam Squarisi e Salvador (2005). No caso acima, daria para criar outra pergunta como: *E quais são essas responsabilidades?*

De acordo com a autora Patrícia Nascimento (2009), neste tipo de entrevista é necessária atenção do repórter, pois, mesmo sendo apenas perguntas e respostas, é essencial a organização quanto à hierarquia das informações e, nesse caso, há momentos em que algumas informações poderiam estar no início da entrevista. Por exemplo, a segunda pergunta – seguindo a ordem da entrevista - *“Quando você decidiu seguir a carreira de colunista social?”* poderia ser a abertura do diálogo, pois, dessa forma, tenderia a uma abordagem mais ampla.

O autor Mário Erbolato (2004) ressalta que se a entrevista não for bem conduzida, não terá bom resultado. A EP1 em alguns momentos não consegue equilibrar o ritmo da entrevista. Nas perguntas *“Você participa de todo o processo de cobertura de um evento, festa ou acontecimento social?”* e *“Você é o único colunista social em Parintins?”* verifica-se que as respostas estão “secas”, ou seja, quase não obteve resposta do entrevistado. Nesse caso, o repórter deve ter sempre atenção na hora de elaborar as perguntas para que situações como essa não aconteçam novamente. Nascimento (2009) pondera que para evitar situações constrangedoras, a melhor estratégia para uma boa entrevista é conhecer ao máximo seu entrevistado e conhecer a fundo o assunto que será conduzido.

Outro ponto importante é em relação às siglas das universidades presentes na abertura da entrevista. Como é um texto que está na web e qualquer pessoa pode ter acesso, o autor deveria ter inserido juntamente com as siglas, os nomes das universidades, porém verifica-se que apenas as siglas estão presentes, ocasionando a falta de informação ao leitor. Veja a introdução:

Francinaldo Rodrigues, mais conhecido como Naldo Rodrigues, nasceu em 22 de janeiro de 1968, parintinense, torcedor do boi Garantido, flamenguista, graduado em Letras (UEA) e acadêmico do curso de Comunicação Social\Jornalismo\UFAM. Naldo tem uma brilhante carreira como colunista social, tendo atuado em vários veículos de comunicação de nossa cidade. Atualmente assina as colunas: Vivendo Parintins, na revista Fatos&Fotos e está de volta ao Jornal da Ilha, onde estreou a coluna Quem é Vip Sempre Aparece! Tem uma coluna social eletrônica no programa Agora Parintins e além do seu site www.naldorodrigues.com.br. Nesta entrevista exclusiva ele nos conta os detalhes. Esbanja simpatia e aonde chega contagia a todos com sua alegria (EP1, 2014).

Erbolato (2008) explica que quando for inserida siglas que não seja do conhecimento público, deve-se escrever o significado por extenso e, somente após colocá-las entre parênteses. Deste modo, o texto jornalístico requer apuração dos mínimos detalhes, pois, se faltar alguma peça, a informação fica inacabada, isto é, a informação perde a credibilidade.

Considerando os elementos de textualização, observa-se que o grau de informatividade está adequado, proporciona ao leitor informações sobre a carreira do entrevistado, deixando claro o assunto tratado. Em outras palavras traz imprevisibilidade, ponto relevante para uma entrevista. A situacionalidade também está apropriada, pois se enquadra no contexto do tema, ou seja, o autor conseguiu construir a entrevista sem intervir no ponto de vista do entrevistado.

Na introdução verifica-se incoerência no trecho da EP1 (2014). Observe:

Atualmente assina as colunas: Vivendo Parintins, na revista Fatos & Fotos e está de volta ao Jornal da Ilha, onde estreou a coluna Quem é Vip Sempre Aparece! Tem uma coluna social eletrônica no programa Agora Parintins e além do seu site www.naldorodrigues.com.br.

Ao fazer a leitura, percebe-se que faltou organizar as frases para uma boa interpretação. A forma apropriada seria reunir as informações sobre as colunas que o entrevistado assina e depois inserir as informações sobre site. Como sugestão:

Atualmente assina as colunas: Vivendo Parintins, na revista Fatos & Fotos; coluna social eletrônica, no programa Agora Parintins; Quem é Vip Sempre Aparece!, no Jornal da Ilha, ao qual está de volta e realiza publicações em seu site www.naldorodrigues.com.br.

Já na pergunta “*Como você é uma pessoa famosa, o que não pode faltar no seu guarda-roupa?*”, o autor reescreveu em parte na resposta do entrevistado a mesma frase da pergunta, forma inapropriada de descrever na entrevista pingue-pongue, pois ocasiona redundância.

A intertextualidade está adequada, pois trata da fala do outro dentro do gênero, isto é, a resposta do entrevistado é o que faz a interrelação existir entre os textos, ou seja, é usando palavras de outros, na composição de um texto, que a teia discursiva é montada, e as ideias passam a formar um todo em que, muitas vezes, fica difícil estabelecer o limite entre as palavras do autor e da sua fonte. Em um sentido mais amplo, a entrevista adquire informações que vão compor o gênero e, a partir disso, vai ser utilizada em algum momento em outro texto, ou seja, “todos os nossos discursos apenas continuam os discursos anteriores, e a originalidade total de cada discurso está, simplesmente, em nunca ser a primeira palavra” (ANTUNES, 2009, p. 163).

Em relação às regras normativas da escrita da língua portuguesa, a EP1 apresenta apenas alguns desvios, como por exemplo, no trecho: “*Nesta entrevista exclusiva ele nos conta os detalhes. Esbanja simpatia e aonde chega contagia a todos com sua alegria*”. Observa-se que o ponto de intercalação empregado entre as palavras “detalhes” e “esbanja”, quebrou a sequência direta do texto, isto é, subentende-se que é a mesma ideia que por descuido foi dividida em dois períodos. No texto jornalístico, devem-se usar frases curtas, conduzindo apenas uma ideia, assim ressalta Gradim (2000). Em suma, a entrevista conseguiu emitir ao público informações condizentes ao tema relacionado. Há apenas uma ressalva em relação à amplitude das perguntas que poderiam ser mais aproveitadas.

5. Análise e discussão da Entrevista pingue-pongue 2

Considerando os elementos da linguagem jornalística, a “*entrevista ping-pong com Lucas Milhomens*”⁸ apresenta texto introdutório, que tem o dever de orientar o leitor sobre o assunto. Contudo, assim como a EP1, a EP2 não apresenta título e nem foto que contemplem a apresentação da entrevista pingue-pongue. Um exemplo atual e que segue essa tendência são as “famosas” páginas amarelas da revista *Veja*. Dedicadas especialmente a entrevistas de perguntas-respostas.

Figura 3 - Página amarela da revista *Veja*

⁸ Texto disponível em: <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br/2013/03/entrevista-ping-pong.html>.

Entrevista **MARCOS** MARIANA BARBOSA, RENATA ASP E SHEILA PROCÓPIO

Maturidade em Campo

Ele não se considera santo e nem ídolo, apenas alguém comum que encontra satisfação em seu trabalho.

Viremos numa era na qual jogadores de futebol são considerados celebridades: possuem legiões de fãs, estampam manchetas de tabloides todos os dias e vivem em meio ao luxo. Abaixo tudo isso, está Marcos Roberto Silveira Reis, 36 anos que joga pelo clube paulista Palmeiras já há 17, desde que iniciou sua carreira. "Só Marcos", como é conhecido, possui um invejável currículo: jogou no Santos, Campesinato Paulista, o Brasileiro, a Libertadores e foi pentacampeão pela Seleção Brasileira de 2002. Há quem não seja pela torcida palmeirense, mas por admiração de futebol de toda a parte, Marcos tem de tudo para ser mais um jogador-celebridade, mas garante que é diferente: "Quando bela ouzalo, eu sou do mesmo jeito".

Veja - Antes de se profissionalizar, você chegou a jogar em outras posições ou sempre foi goleiro?
Marcos - Não quis ser goleiro sempre. Joguei na frente antes e até hoje eu tenho uma mania de a gente fazer, tenho consciência disso, mas não deu muito certo. E o meu maior objetivo no Palmeiras é o William (Wagner Fernandes, ex-goleiro do Palmeiras). Eu por causa dele que eu me tornei goleiro, que eu me inspirei fazendo isso. Apesar de que ser goleiro é uma função um pouco singular. Você está ali para explicar uma derrota, não para falar sobre as vitórias. Quando o time ganha, se entrevista quem fez o gol, quem fez a jogada, e quando o time perde o primeiro que o pessoal vê é o goleiro. Mas não posso reclamar não, porque se eu não fosse goleiro eu estaria perdido.

Você é goleiro titular do Palmeiras há 10 anos, e está no clube há 17. Quais foram as principais dificuldades de sua carreira? Com certeza foram as lesões, eu passei por um período difícil em



Marcos no centro de treinamento do Palmeiras: "Eu também não sou santo, porque santo não falha, eu falho."

veja | 10 DE MARÇO DE 2011 | 61

FONTE - Dados da pesquisa.

Como o tema da EP2 se trata de algo mais sério, logo, o nível das perguntas tendem a ser mais complexo, o que nesse caso, quem não é do meio acadêmico não consegue compreender de imediato. As perguntas mostram que o entrevistador estava bem equipado em relação ao tema, porém, o manual da Folha de São Paulo (2010) adverte que perguntas longas demais podem complicar a vida do repórter se o entrevistado pedir que ele repita. O manual também dá dicas para o repórter utilizar o bom-humor como estratégia para deixar o interlocutor mais à vontade.

O produtor (a) da EP2, para possibilitar uma compreensão mais rápida, poderia utilizar expressões mais simples, pois, na escrita jornalística o ideal é fazer com que um texto seja lido por um cientista e por um pescador, ficando ambos igualmente bem informados, assim aponta Gradim (2000). Entretanto, o que se percebe são frases longas e um vocabulário particular, ou seja, para um determinado grupo, no caso o acadêmico/universitário.

Outra questão que é observada é em relação à elaboração das perguntas. Percebe-se que das seis perguntas realizadas, três possuem mais de uma interrogação, forma inapropriada de conduzir a entrevista. Veja a 3ª pergunta: "As considerações feitas pela comissão sobre o corpo docente enfatizam sobre o Núcleo Estruturante do Curso. **Qual vem ser sua função? Como ele é composto? E quais assuntos são discutidos em suas reuniões periódicas mensais e extraordinárias?**".

Segundo o Manual da Folha de São Paulo (2010), não se deve misturar várias perguntas ao mesmo tempo, pois ocasiona confusão na cabeça do entrevistado e, em consequência disso, a resposta pode não ser a qual se espera. Também se observou que o produtor da EP2 mesmo sem intenção fez duas vezes as mesmas indagações, algo que o próprio entrevistado alertou, dizendo que já havia respondido anteriormente a questão novamente perguntada. Observe as respostas do entrevistado:

Resposta da pergunta 3: “Essa pergunta foi respondida parcialmente na questão anterior. Hoje o NDE é composto por cinco professores e eu sou o presidente”.

Resposta da pergunta 6: “Como respondi na questão anterior, nossa biblioteca não está alinhada a nossos laboratórios...”.

Os trechos citados acima mostram que o entrevistado alertou o repórter de que já havia dado as respostas. Nascimento (2009) ressalta que o repórter não pode prestar mais atenção no roteiro do que no entrevistado, pois, segundo ela, se isso acontecer, certamente perderá informações importantes e até mesmo perguntar algo que o entrevistado acabou de responder. Portanto, o repórter deve ter concentração absoluta nas respostas e habilidade para formular outras novas, assim frisa as autoras Squarisi e Salvador (2005).

Considerando os elementos de textualização, é visível na introdução a falta de clareza, simplicidade e harmonia nas palavras. No trecho “...a realização da Avaliação para Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo”. A frase possui palavras que rimam em sequência. Gradim (2000) explica que a rima, qualidade da poesia, estabelece defeito da conversa, ou seja, sons iguais deixam a leitura desagradável.

O nível de informatividade está aceitável, conseguiu transmitir ao seu público questões relevantes que se passavam naquele momento, ou seja, “a adequação de um texto à cena de sua ocorrência implica também administrar o grau de informatividade que o discurso terá” (ANTUNES, 2009, p. 126). Já a aceitabilidade apresenta um nível baixo, uma vez que o leitor pode ter visões e interpretações diferentes sobre o tema. Em relação à situacionalidade, a EP2, dado o contexto, não possui elementos consistentes para envolver o leitor, como por exemplo, o caso do texto introdutório, ele não proporciona exatidão no assunto, nem busca clareza nas informações. Segundo Simon (2008), o discurso precisa estar conectado a situação do tema, pois desta forma consegue envolver o público, tanto na sua produção como na sua

interpretação. Portanto, nesse aspecto, o grau é considerado baixo. Em síntese, a entrevista pingue-pongue 2 está bem elaborada, apresenta indagações em nível equilibrado as respostas e traz um assunto relevante para o público.

7. Análise e discussão da Entrevista Perfil com Fernanda Soares

As autoras Squarisi e Salvador (2005) explicam que diferente da entrevista pingue-pongue, a perfil trata da personalidade de alguém, contando histórias da vida, hobbies, preferências pessoais e idiossincrasias. Nesse caso o repórter precisa explorar seu poder de percepção, ou seja, é a partir do olhar do jornalista que a entrevista perfil será realizada. Portanto, tendo em vista o conceito das autoras, veremos a seguir como está elaborada a “*A entrevista perfil com Fernanda Soares*”⁹.

Considerando os elementos da linguagem jornalística, observa-se que a entrevista não focou em apenas um assunto da entrevistada, isto é, o autor utilizou vários assuntos da vida de Fernanda para fazer a narração e esqueceu-se do ritmo que um perfil deve apresentar ao público. Segundo Squarisi e Salvador (2005) esses “retalhos” da vida pessoal do entrevistado devem ser utilizados apenas em perfis bibliográficos, quando alguém ganha um prêmio ou é promovido a um cargo importante, pois, “Incluem lugar de nascimento, postos ocupados anteriormente, outros prêmios recebidos, projetos realizados” (SQUARISI; SALVADOR, 2005, p. 69).

No caso da entrevista em estudo, o autor (a) deveria ter optado escolher algum episódio que marcou ou foi importante na vida de Fernanda, como por exemplo, no 2º parágrafo, onde narra que ela sofreu *bulling* ou quando teve a oportunidade de viajar para o exterior, no 5º parágrafo. Observe:

2º parágrafo: “Sua adolescência foi um pouco complicada na escola, ela sofreu *bulling*, por ser gordinha e morena. Foi um período difícil, ela teve traumas psicológicos pelo fato de ser agredida verbalmente pelos colegas de aula...” (EP3, 2013).

⁹ Texto disponível em: <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br/2013/03/entrevista-perfil-com-fernanda-soares.html>.

5º parágrafo: “Fernanda já teve a experiência de viajar para o exterior, conheceu uma das cidades da Venezuela, Margarita, no qual ela foi com um grupo de amigos a passeio e ficaram uma semana na cidade...” (EP3, 2013).

Esses são dois dos vários momentos que o repórter poderia ter explorado. Percebe-se que ambos os assuntos foram marcantes para a entrevistada, entretanto, o autor (a) da EP3 não estabeleceu equilíbrio nos relatos, deixando-os isolados dentro do texto.

Na entrevista perfil, o repórter/jornalista além de buscar conhecer seu perfilado pessoalmente, deve também fazer sua pesquisa através de pessoas próximas a ele (a). Squarisi e Salvador (2005) ressaltam que declarações de outras pessoas sobre o personagem ganham destaque. Em outras palavras, buscar conhecer o perfilado através de amigos, vizinhos e parentes, conseguirá discursos relevantes na construção do texto, pois, “[...] todos podem acrescentar detalhes esquecidos ou despercebidos, revelar manias e contar bastidores das passagens relevantes dos perfilados” (SQUARISI; SALVADOR, 2005, p. 68).

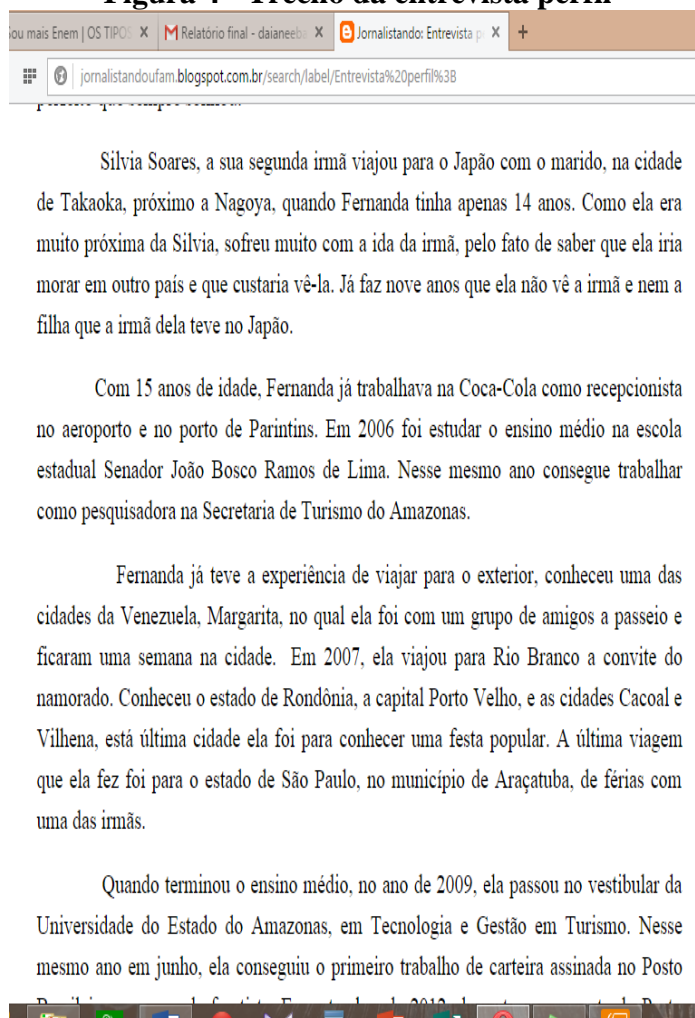
Observa-se também que o autor (a) da EP3 optou por não inserir citações diretas, forma de intercalar a fala do entrevistado, o que dentro da entrevista perfil é aconselhável, pois assim proporciona veracidade e objetividade ao texto. Em vez disso, utilizou somente o discurso indireto, uma vez que, com os dados do personagem, o narrador pode escrever de forma clara, geralmente munido de inúmeros adjetivos alusivos ao perfilado, assim frisa a autora Amanda Silva (2009).

Considerando os elementos de textualização, o grau de informatividade é considerado médio pela seguinte observação: todo o texto, ou seja, a cada parágrafo é composto de vários “flashes” da vida do personagem, isto é, o autor (a) não priorizou um tema para explorar. Logo, dificulta o leitor na interpretação, pois é bombardeado com várias informações ao mesmo tempo. Simon (2008) diz que o excesso de informatividade pode ser rejeitado pelo receptor e, dentro do contexto da EP3, observa-se o quanto várias informações foram colocadas em demasia ou como pondera Antunes (2009) que nem todo discurso tem o grau de relevância, ou seja, de interesse dentro do texto jornalístico. O repórter deve utilizar seu faro jornalístico, percepção e suas estratégias para detectar o que pode ser de interesse público.

Em relação à situacionalidade, o nível é considerado baixo pelo fato do texto não estabelecer uma única situação para envolver o público. A aceitabilidade também é baixa, uma vez que o texto produzido também deverá ser compatível com a expectativa do receptor em colocar-se diante de um texto coerente, coeso, útil e relevante (SIMON, 2008).

Percebe-se a falta de coesão e coerência no 3º e 5º parágrafos, no qual é abordado o mesmo tema: Viagem. Entretanto, há uma quebra entre os dois, pois no 4º parágrafo, o autor (a) separa-os com outra questão da vida de Fernanda, desviando assim, a atenção do leitor. Antunes (2005) explica que o texto precisa ter continuidade, unidade e coerência, deste modo, “[...] as palavras, os períodos, os parágrafos, tudo, qualquer segmento se interliga no texto para que ele faça sentido, para que ele se torne interpretável” (ANTUNES, 2005, p. 177). Observe:

Figura 4 - Trecho da entrevista perfil



FONTE - <http://jornalstandoufam.blogspot.com.br>.

Ainda no 3º parágrafo é perceptível a falta de concisão. O autor (a) não organizou o texto de forma concisa e equilibrada, ou seja, as frases estão soltas, deixando confusa a interpretação, pois, ao fazer a leitura, subentende-se que a irmã da perfilada é a personagem principal. Observe:

Silvia Soares, a sua segunda irmã viajou para o Japão com o marido, na cidade de Takaoka, próximo a Nagoya, quando Fernanda tinha apenas 14 anos. Como ela era muito próxima da Silvia, sofreu muito com a ida da irmã, pelo fato de saber que ela iria morar em outro país e que custaria vê-la. Já faz nove anos que ela não vê a irmã e nem a filha que a irmã dela teve no Japão (EP3, 2014).

Em síntese, a entrevista perfil com Fernanda Soares está bem escrita. Fornece vários episódios sobre a entrevistada ao interlocutor. Contudo, necessita de percepções de outras pessoas dentro do texto e não apenas do entrevistado, assim como ter focado em um momento específico para conduzir a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises, observou-se que os alunos ainda têm dificuldades em desenvolver o texto jornalístico, utilizando as regras jornalísticas. Na tentativa de reunir as informações rapidamente, apresentam um texto pouco atraente, ou seja, que não atende as expectativas do enunciado e do leitor. Alguns conseguem escrever a estrutura correta de determinado gênero, porém ainda necessita torná-lo coerente, objetivá-lo e torná-lo claro, além de existir a necessidade de organizarem as ideias e sua estrutura composicional.

Notou-se que os gêneros textuais passam despercebidos pelos alunos, eles não possuem conhecimentos necessários para estabelecer estratégias de escrita. Os gêneros textuais, como aponta nosso objeto de estudo, possui importante ferramenta para o processo comunicativo na elaboração de textos, entretanto, esquecidos na construção textual.

Muito se questiona sobre o que pode contribuir para que alunos possuam tais estratégias na construção dos textos. A partir disso, percebeu-se como os elementos de textualização estão em falta nos textos jornalísticos analisados. A informatividade e outros elementos de textualização são pouco trabalhados nos textos, entende-se que não há uma clareza quanto à forma adequada de sua empregabilidade de acordo com os gêneros textuais. Não se pode afirmar que todos os alunos possuem essa dificuldade, entretanto, é de suma importância que saiam da universidade com 90% conhecendo e assimilando tais regras, uma vez que é com essa técnica que podem ter sucesso ao produzir diversos gêneros jornalísticos e assim adentrarem e se estabelecerem no mercado jornalístico.

Além de constatar essas dificuldades, ainda nota-se a dificuldade relacionada ao domínio das normas da escrita da língua portuguesa. O que vimos diante das análises são desvios ortográficos, que poderiam ser evitados se os alunos tivessem sido preparados melhor. A dificuldade que os alunos demonstram na academia é resultado de um ensino básico centrado na memorização e repetição de nomenclaturas. Eles não são levados a produzir textos que circulem socialmente e a refletirem sobre as formas de uso da língua portuguesa. Várias pesquisas apontam a deficiência no ensino básico do Brasil, o qual constrói um número expressivo de analfabetos funcionais.

Essas questões fomentam discussões acadêmicas e até pedagógicas sobre o tema, como melhorar o ensino da língua portuguesa dentro do âmbito universitário? Buscar novas alternativas para incentivar a leitura dentro da sala de aula é de suma importância para o crescimento intelectual e acadêmico. Um novo olhar dentro desse campo traz novas perspectivas no processo do ensino-aprendizagem.

Diante desses resultados, faz-se necessário a construção de propostas que amenizem essas dificuldades de leitura e de escrita. Sugerimos como proposta, especificamente dentro do curso de Comunicação Social/Jornalismo, introdução de disciplinas na grade curricular que tratem profundamente a leitura e a produção de gêneros textuais, faz-se necessário também uma disciplina de base linguística para subsidiar os alunos nas reflexões sobre as possibilidades de uso oral e em textos escritos das estruturas linguísticas da língua portuguesa. Um curso de comunicação não pode tentar formar bons profissionais sem trazer para dentro das salas de aulas uma ciência que trouxe, nos últimos vinte anos, contribuições enorme ao campo da linguagem. Comunicação trabalha com a linguagem, então deve aproximar-se das ciências que trazem novas contribuições a sua área de atuação.

Outra sugestão é desenvolver projetos acadêmicos que fomentem a escrita jornalística, visto que, é por meio destes que o aluno (a) obtém ideias, fortalece seu conhecimento e conseqüentemente compreende o campo da pesquisa. É preciso estimular o aluno de graduação a querer buscar esse conhecimento, essa técnica de aprendizagem. A pesquisa é um instrumento importante na vida acadêmica, uma vez que, o pesquisador (a) tem a oportunidade de ir a campo, ou seja, não ficará reprimido somente às disciplinas de sala de aula, mas sim, terá oportunidade de ampliar seu conhecimento através de estudos fora dela. Nem tudo é aprendido oralmente. É preciso expandir a iniciação científica, assim como, atividades curriculares no âmbito da escrita jornalística, pois, é assim que se aprende a formar alunos com qualidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 6ª ed. Atual. e aumentada. Rio de Janeiro, tempo brasileiro, 2008.

ANTUNES, Irandê. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo. Parábola Editorial, 2005.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

BOSCO, João Medeiros. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 10 ed. São Paulo. Atlas, 2008.

CLÓVIS, Rossi. **O que é jornalismo**. São Paulo: Braziliense, 2012.

CEREJA, Willian Roberto. MAGALHÃES, Cochar, Thereza. **Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos**. São Paulo: Atual, 2005.

ELLIS, Andrew W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. Dayse Batista. 2º ed. Porto Alegre: Artes médicas. 1995.

ERBOLATO, Mario. ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo. Contexto, 2012.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**. Covilhã: Editora Universidade da Beira Interior, 2000.

IBGE: uso de celular e internet cresceu mais de 100% no Brasil em seis anos. Disponível em: [http://: <www.tecmundo.com.br>](http://www.tecmundo.com.br). Acesso em 02 de set.14 às 23:40.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 1º ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias e produção textual**. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2012.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

MANUAL DA REDAÇÃO. São Paulo: PubliFolha, 2001, 391 p.

_____. Manual da Redação - Folha de S. Paulo - 14ª Ed. 2010

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCHESANI, Silvana. **A argumentação em editoriais e artigos de opinião: um estudo comparativo**. 173f. (Dissertação de mestrado), Belo Horizonte, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordã: Mantiqueira, 2003.

MELO, Clarissa Reis; GOMES, Jaciara J. Coesão textual. **Revista dos alunos da Graduação em Letras - Departamento de Letras - Universidade Federal de Pernambuco**, 1999. ISBN Digital 1984-7408.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin; PRADO, Magaly (org). **Técnicas de redação em jornalismo**. Saraiva, 2009.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3ª ed. São Paulo, Contexto, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

_____. SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

SQUARISI, Dad, SALVADOR, Ariete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. 3.ed. São Paulo. Contexto, 2005.

SIMON, Maria Lúcia Mexias. **A construção do texto: coesão e coerência textuais**: Revista Philologus, v. 40, p. 22-31, 2008.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro**. Revista eletrônica Temática. Ano V, n. 10 – outubro/2009.

SILVA, Nívea Rohling da. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação e valoração do discurso do outro**. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.12, n.2, p.505-530, jul./dez. 2009.

_____. **A intercalação de gêneros na entrevista pingue-pongue**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009- ISSN 1807-5193.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**/ Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

ANEXO 1

Entrevista ping-pong com Naldo Rodrigues



Por Evaliza Pantoja

Francinaldo Rodrigues, mais conhecido como Naldo Rodrigues, nasceu em 22 de janeiro de 1968, parintinense, torcedor do boi Garantido, flamenguista, graduado em Letras (UEA) e acadêmico do curso de Comunicação Social/Jornalismo/UFAM. Naldo tem uma brilhante carreira como colunista social, tendo atuado em vários veículos de comunicação de nossa cidade. Atualmente assina as colunas: Vivendo Parintins, na revista Fatos&Fotos e está de volta ao Jornal da Ilha, onde estreou a coluna Quem é Vip Sempre Aparece! Tem uma coluna social eletrônica no programa Agora Parintins e além do seu site www.naldorodrigues.com.br. Nesta entrevista exclusiva ele nos conta os detalhes. Esbanja simpatia e aonde chega contagia a todos com sua alegria.

Evaliza Pantoja: O que é ser um colunista social pra você?

Naldo Rodrigues: Ser colunista social para mim é algo que causa muito prazer e alegria. Mas eu sei da responsabilidade que essa função me traz.

E. P: Quando você decidiu seguir a carreira de colunista social?

N. R: Aconteceu por acaso, sem planejamento, comecei no ano de 2000, no Informativo Circuito Jovem, direcionado a classe estudantil.

E. P: Como é sua rotina de colunista?

N. R: A minha rotina de colunista social varia muito. Tem semanas que quase não tenho eventos para comparecer, já em outras fico com a agenda lotada.

E. P: Se você pudesse escolher alguma celebridade para ser entrevistada ou algum evento para ser coberto, quem ou o quê você cobriria?

N. R: A celebridade seria o colunista social Gilberto Amaral, que mora em Brasília. O evento seria o Baile de Carnaval, do Hotel Copacabana, no Rio de Janeiro. Eu adoro esse tipo de festa!

E. P: Houve alguma personalidade, evento ou acontecimento que mais marcou sua carreira?

N. R: Já entrevistei governador do estado e fotografei celebridades que vêm para o festival de Parintins. Posso destacar as cantoras Luciana Mello e Fafá de Belém.

E. P: Algumas pessoas criticam o trabalho de colunista social, alegando que se trata de boataria e não de jornalismo. O que você pensa disso?

N. R: Realmente as pessoas ainda têm essa visão distorcida do trabalho do colunista social, devido o colunismo de antigamente ser voltado somente para divulgar as festas, as viagens, as roupas das chamadas pessoas da sociedade. Mas hoje as coisas mudaram, a coluna social atual tem que ter conteúdo, tem que abordar vários assuntos, que vai de informações sobre pessoas, cultura e assuntos diversos. Ela tem o papel também de prestar serviço de utilidade pública. Mas o gancho principal da coluna social, em minha opinião, é a cobertura de festas e eventos. As pessoas gostam de ser vistas e o leitor gosta de saber como foi a festa e quem estava presente.

E. P: Você já se viu envolvido em alguma gafe cometida por alguma personalidade ou durante um evento?

N. R: Nunca me vi envolvido, mas já presenciei muitas gafes de muitos famosos locais. Mas, sobre esse assunto, eu prefiro ser discreto.

E. P: Parintins é um município de grande densidade cultural e artística. Isso ajuda na montagem de sua coluna?

N. R: Com certeza. Temos pessoas que se destacam na arte e na vida cultural da cidade. O nosso Festival Folclórico é a nossa identidade cultural, a nossa vitrine. O que escrevo na coluna serve de informação para pessoas ou profissionais da comunicação que moram em outros lugares e que estão ávidos por notícias de Parintins e do nosso festival.

E. P: Você participa de todo o processo de cobertura de um evento, festa ou acontecimento social?

N. R: Na maioria das vezes, sim.

E. P: Você é o único colunista social em Parintins?

Naldo Rodrigues) Pelo que eu observo, sim.

E. P: Como você é uma pessoa famosa o que não pode faltar no seu guarda-roupa?

N. R: Não digo que sou uma pessoa famosa, mas o meu trabalho acaba me projetando. O que não pode faltar em meu guarda roupa? Bom eu sou uma pessoa bastante simples. Mas camisas sociais, blazers, roupas adequadas para determinados eventos não podem faltar.

E. P: Como você se definiria em três adjetivos?

N. R: Eu me definiria como cômico, inteligente e estratégico. Mas quem me conhece sabe que apesar da responsabilidade com que eu conduzo o meu trabalho, eu sou uma pessoa bastante extrovertida.

Entrevista ping-pong com Lucas Milhomens

Por: Kethleen Rebêlo

Depois de enfrentar uma greve de 118 dias, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Campus Universitário “Prof. Dorval Varela Moura” recebeu no período de 09 à 12 de dezembro de 2012 em Parintins a comissão do Ministério da Educação, designada por ofício, para a realização da Avaliação para Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. O Prof. MSc. Lucas Milhomens, coordenador do curso, descreveu como foi realizada esta visita e expôs sua opinião sobre o processo de avaliação a qual o curso foi submetido. A seguir entrevista feita por e-mail.

Kethleen Rebêlo: De acordo com o relatório que contém a conclusão da avaliação feita pela comissão do MEC, o curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo do Campus Parintins, com o objetivo de construir uma formação científica e humanística que busca compreender a realidade e cultura amazônica, propõe aos discentes mecanismos de manutenção por meio de bolsas. De que forma é realizado estes trâmites? Qual é a participação dos docentes neste processo?

Lucas Milhomens: Há várias modalidades de bolsas na Ufam destinadas aos discentes, no caso do ICSEZ temos desde bolsas destinadas a iniciação científica (Pibic), a atividades de extensão (Pibex), bolsas trabalho (para o desenvolvimento profissional do acadêmico) e, também, a modalidade de bolsas permanência, uma auxílio da Instituição para os acadêmicos que não têm condições financeiras de permanecer no município. No caso do nosso curso somos responsáveis por três bolsas trabalho, ligadas especificamente à Coordenação do Curso (sob minha responsabilidade) e várias bolsas Pibic e Pibex sob responsabilidade de outros professores.

K. R: Na análise do MEC foi detectada que a matriz curricular do curso é composta por disciplinas que preveem aparências da realidade local. Que método é usado para acordar a composição disciplinar desta matriz? E como é implementada a metodologia do curso?

L. M: Existe, no âmbito do Curso, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) responsável pelas discussões e alterações em nossa matriz curricular. Um dos pontos norteadores do NDE é justamente adequar nosso curso as necessidades locais, na medida que isso seja possível. Nossa intenção é corrigir possíveis falhas em nossas diretrizes e criar (ou excluir) disciplinas que representem tais necessidades como, por exemplo, a realidade amazônica e a comunicação.

K. R: As considerações feitas pela comissão sobre o corpo docente enfatizam sobre o Núcleo Estruturante do Curso. Qual vem ser sua função? Como ele é composto? E quais assuntos são discutidos em suas reuniões periódicas mensais e extraordinárias?

L. M: Essa pergunta foi respondida parcialmente na questão anterior. Hoje o NDE é composto por cinco professores e eu sou o presidente.

K. R: Professor, qual sua opinião sobre o relatório feito pela comissão do MEC ao corpo docente do curso e sobre a função do colegiado na gestão administrativa do instituto?

L. M: Acho que o relatório foi condizente com a verdade e o estágio que o curso está hoje. Somos um curso muito recente, temos menos de cinco anos de existência e já realizamos várias coisas. Nosso corpo docente está bem representado e é bastante atuante, basta elencar os inúmeros projetos já executados pelos mais diferentes professores do curso de Comunicação do ICSEZ. Um dos pontos avaliados negativamente pela Comissão do MEC foi a pouca experiência da quase totalidade de nosso corpo docente, com poucos anos de atividade. Neste item, por exemplo, não temos como fazer nada, a não ser traharmos e adquirirmos mais tempo de serviço para as próximas avaliações. Sobre nossa função colegiada podemos considerar que somos um dos cursos mais atuantes no ICSEZ, discutindo e levando para as instâncias decisórias da Instituição todas as demandas que a nós é apresentada.

K. R: Como pôde ser observada, a menor nota dada na avaliação foi na dimensão da infraestrutura que o curso oferece aos alunos. Qual é a opinião do coordenador sobre o espaço de trabalho para coordenação do curso e serviços acadêmicos e o indisponível acesso dos portadores de necessidades especiais ao instituto?

L. M: Como você mesma observou, este é o maior "gargalo" hoje do Instituto. Nossa biblioteca não está digitalizada (não há sistemas de consultas online), ainda temos poucos títulos de livros previstos em nosso Plano Pedagógico do Curso (PPC) e não há um espaço físico específico para a Coordenação do Curso, a mesma funcionando na sala do atual coordenador. Outro problema sério e avaliado negativamente pela Comissão do MEC é a falta de acessibilidade para pessoas com deficiência, o que precisa ser resolvido urgentemente. Estas questões precisam ser sanadas institucionalmente e estão para além de nossa administração como coordenador. O que podemos fazer (e estamos) é pressionar.

K. R: No quesito infraestrutura também foi notado pela comissão que a acessibilidade dos discentes aos equipamentos de informática, bem como aos laboratórios do curso são de fácil disponibilidade, com 75 máquinas funcionando em período integral. Fale um pouco sobre essa situação de infraestrutura, que ora é bem disponível com equipamentos e laboratórios atualizados e acessíveis, e ora com um acervo bibliográfico incompleto e indisponível.

L. M: Como respondi na questão anterior, nossa biblioteca não está alinhada a nossos laboratórios, ou seja, temos uma estrutura precária para nosso acervo bibliográfico e uma boa estrutura laboratorial, com computadores, câmeras, gravadores e máquinas digitais. O que é preciso ser feito, como já mencionei é a Instituição priorizar questões essenciais como uma boa e digitalizada biblioteca e uma infraestrutura adequada a legislação inclusiva.

segunda-feira, 18 de março de 2013

Entrevista Perfil com Fernanda Soares

Por Evalza Pantoja



Nascida no dia 22 de maio de 1990, a bela parintinense Fernanda Pimentel Soares, filha da dona de casa Maria Ordenia Pimentel Soares e Fernando Oliveira Soares, é a quarta de cinco filhas. Estudou o jardim de infância no Chapeuzinho Vermelho e o ensino fundamental na escola Geny Bentes.

Sua adolescência foi um pouco complicada na escola, ela sofreu *bullying*, por ser gordinha e morena. Foi um período difícil, ela teve traumas psicológicos pelo fato de ser agredida verbalmente pelos colegas de aula. Para emagrecer tomava vinagre com sal. Em decorrência disso, teve uma grave gastrite, mas emagreceu e conseguiu ter um corpo perfeito que sempre sonhou.

Silvia Soares, a sua segunda irmã viajou para o Japão com o marido, na cidade de Takaoka, próximo a Nagoya, quando Fernanda tinha apenas 14 anos. Como ela era muito próxima da Silvia, sofreu muito com a ida da irmã, pelo fato de saber que ela iria morar em outro país e que custaria vê-la. Já faz nove anos que ela não vê a irmã e nem a filha que a irmã dela teve no Japão.

Com 15 anos de idade, Fernanda já trabalhava na Coca-Cola como recepcionista no aeroporto e no porto de Parintins. Em 2006 foi estudar o ensino médio na escola estadual Senador João Bosco Ramos de Lima. Nesse mesmo ano consegue trabalhar como pesquisadora na Secretaria de Turismo do Amazonas.

Fernanda já teve a experiência de viajar para o exterior, conheceu uma das cidades da Venezuela, Margarita, no qual ela foi com um grupo de amigos a passeio e ficaram uma semana na cidade. Em 2007, ela viajou para Rio Branco a convite do namorado. Conheceu o estado de Rondônia, a capital Porto Velho, e as cidades Cacoal e Vilhena, está última cidade ela foi para conhecer uma festa popular. A última viagem que ela fez foi para o estado de São Paulo, no município de Araçatuba, de férias com uma das irmãs.

Quando terminou o ensino médio, no ano de 2009, ela passou no vestibular da Universidade do Estado do Amazonas, em Tecnologia e Gestão em Turismo. Nesse mesmo ano em junho, ela conseguiu o primeiro trabalho de carteira assinada no Posto Brasileiro no cargo de frentista. Em setembro de 2012 ela se tornou gerente do Posto Parintins, esse posto faz parte da empresa Caçapava, mas ela só ficou por um mês, pois o cargo requeria muito tempo dela. Com isso atrapalhavam a finalização da monografia do curso, então, ela pede para sair do cargo e volta a ser frentista de novo, pois só trabalhava de manhã. Mas por ser uma pessoa competente não demorou muito como frentista. Em dezembro ela se torna Gerente de RH no posto Caçapava.

A professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), MS.c Socorro Paiva irá transformar a monografia da Fernanda em um artigo científico, para em seguida ser publicado numa revista. Fernanda vai fazer a colação em 28 de fevereiro de 2013, ela vai ser a juramentista na cerimônia de formatura.

Enfim, Fernanda é uma pessoa de auto astral, sempre alegre e de bem com a vida, e amiga de todos que a consideram, assim um de seus amigos Jorge Pedreno a classifica.